

Leonardo Hermes Lemos

A REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO EM ECOMUSEUS

Dissertação submetida ao Programa de
Pós-graduação em Ciência da
Informação da Universidade Federal
de Santa Catarina para a obtenção do
Grau de Mestre em Ciência da
Informação
Orientador: Prof. Dr. Cezar Karpinski

Florianópolis
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor
a partir do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária
da UFSC.

Hermes Lemos, Leonardo
A Representação da Informação em Ecomuseus /
Leonardo Hermes Lemos ; orientador, Cezar
Karpinski, 2018.
99 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação,
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação,
Florianópolis, 2018.

Inclui referências.


1. Ciência da Informação. 2. Representação da
Informação. 3. Museologia. 4. Ecomuseu. 5.
Ecomuseologia. I. Karpinski, Cezar. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de
Pós-Graduação em Ciência da Informação. III. Título.

Leonardo Hermes Lemos

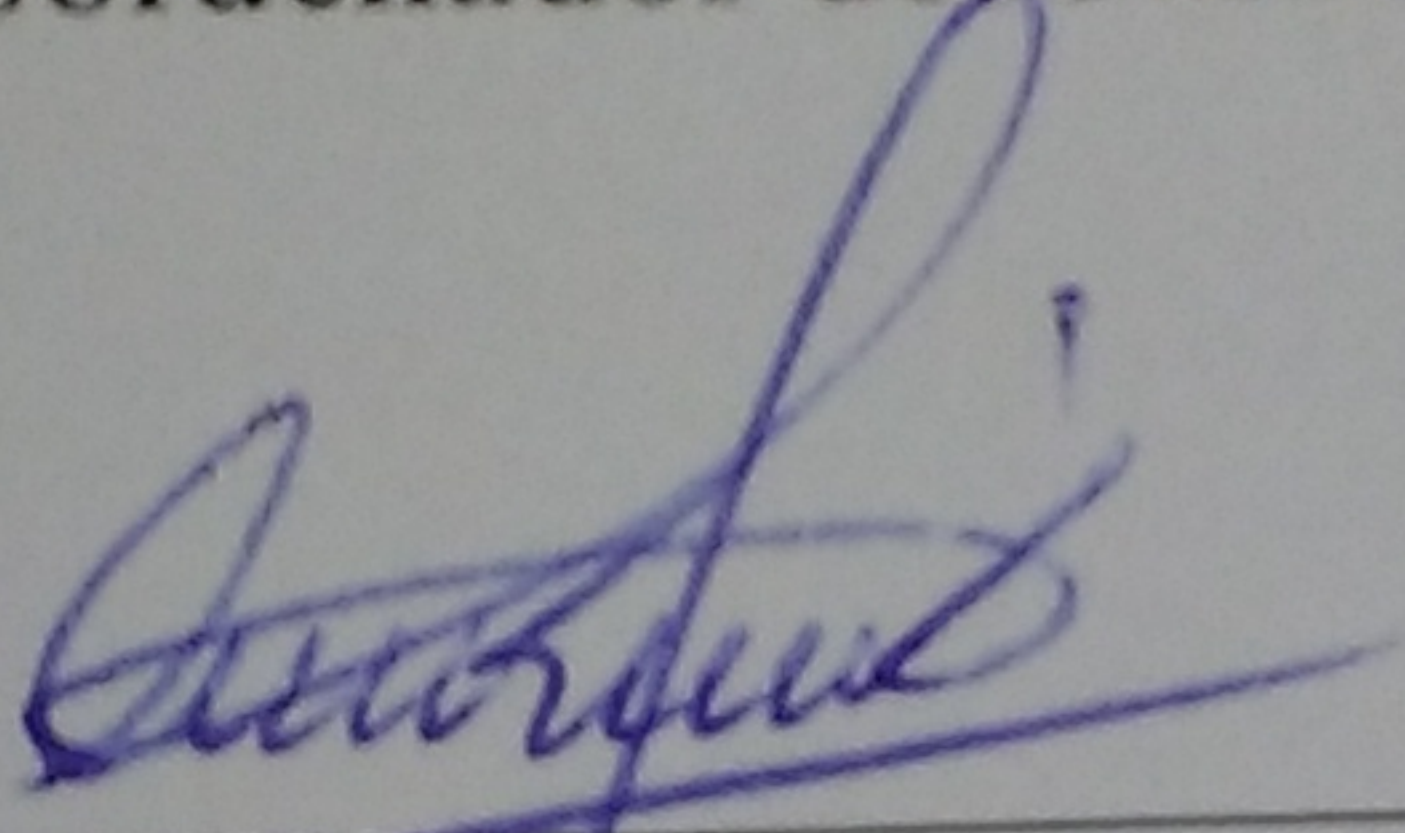
A REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO EM ECOMUSEUS

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “Mestre” e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação

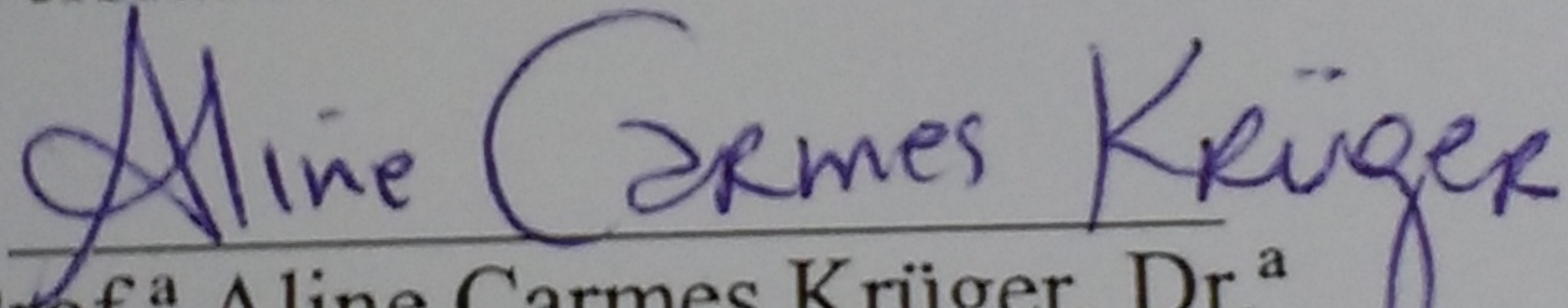
Florianópolis, 23 de fevereiro de 2018.

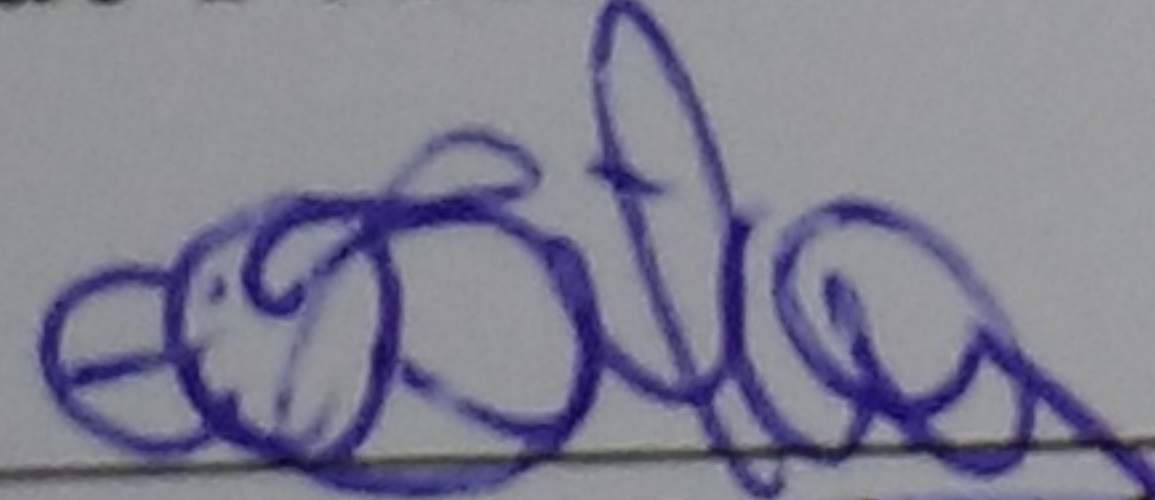

Prof. Adilson Luiz Pinto, Dr.
Coordenador do Curso

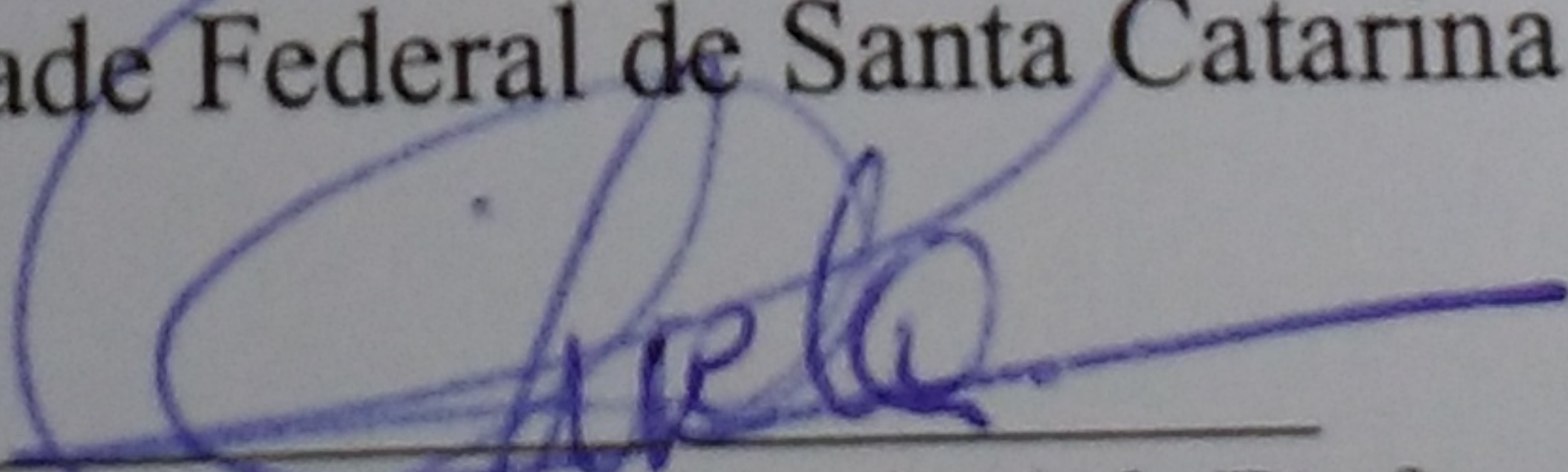
Banca Examinadora:


Prof. Cezar Karpinski, Dr.
Orientador

Universidade Federal de Santa Catarina


Prof.ª Aline Carmes Krüger, Dr.ª
Universidade Federal de Santa Catarina


Prof.ª Eva Cristina Leite da Silva, Dr.ª
Universidade Federal de Santa Catarina


Prof.ª Gisela Eggert Steindel, Dr.ª
Universidade do Estado de Santa Catarina

Este trabalho é dedicado aos meus pais, Sandra e Roberto.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, Sandra e Roberto, por dedicarem toda sua vida, tempo, amor a mim e estarem me apoiando sempre que eu precisasse.

Aos meus familiares, em especial meus avós Terezinha, Amilton, Tete e Basílio (*in memoriam*) por me mostrarem o que vale a pena na vida e a nunca desistir dos meus sonhos.

Aos meus amigos de jornada acadêmica, especialmente a Renata, Fernanda e Andreia, por dividirem suas aflições, conquistas, pesquisa e saber a entender e compreender todas as dificuldades que passamos. Obrigado pelas palavras de conforto.

A minha amiga Priscila, que sempre esteve ao meu lado e me confortou em momentos difíceis. Obrigado pelo abraço.

Ao meu querido e estimado orientador, Prof. Cezar, que soube de todas as dificuldades que eu passaria e ao mesmo tempo soube me animar e fazer com que eu não desistisse, me orientando em decisões difíceis. Sou grato por cada palavra, cada correspondência trocada, por cada minuto do seu tempo dedicado a mim e a este trabalho.

Agradeço ao Rafael, por me mostrar em tão pouco tempo, como a vida realmente é, sabendo me suportar, me ouvir e não desistindo de mim. Obrigado por estar comigo.

Agradeço a Dra. Valda de Oliveira Fagundes, por abrir as portas do Ecomuseu Dr. Agobar Fagundes, e ser o impulsor desta pesquisa. Estendo o agradecimento também ao Prof. Nereu do Vale Pereira e Cristina Dalla Nora, por aceitarem que o Ecomuseu do Ribeirão da Ilha também participasse desta pesquisa.

Agradeço a CAPES, por me beneficiar sendo bolsista, para que o desenvolvimento deste trabalho fosse possível.

Aos demais colegas e professores do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, da Universidade Federal de Santa Catarina, em especial aos colegas do Grupo de Pesquisa em Organização do Conhecimento e Gestão documental.

A Deus, por estar presente em cada passo que dei, me fortalecendo espiritualmente, sabendo que cada escolha minha, resultou no meu merecimento.

Nunca ninguém se torna mestre num domínio em que não conheceu a impotência, e, quem aceita esta ideia, saberá também que tal impotência não se encontra nem no começo nem antes do esforço empreendido, mas sim no seu centro.

Walter Benjamin

RESUMO

Resumo: Este trabalho analisa dois ecomuseus no Estado de Santa Catarina e suas formas de Representação da Informação, considerando-os como unidades de informação. Para isto foi estruturado o referencial teórico em três partes discutindo na primeira parte a relação entre organização da informação e do conhecimento com as instituições museológicas, na segunda a constituição e o contexto histórico dos ecomuseus, finalizando com a discussão entre Representação da Informação e ecomuseus. Para a realização da pesquisa foram utilizadas as metodologias de pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo, de observação, participante e história oral. Com relação aos resultados foi verificado que as formas de Representação da Informação nesta pesquisa ocorrem pela documentação museológica, exposição e mediação.

Palavras-chave: Representação da Informação. Ecomuseu. Ciência da Informação. Museologia. Ecomuseologia.

ABSTRACT

Abstract: This dissertation analyzes two ecomuseums in the state of Santa Catarina and its forms of Information Representation, considering them as units of information. For this, the theoretical framework was structured in three parts, discussing in the first part the relationship between information and knowledge organization with museological institutions, the second the constitution and the historical context of the ecomuseums, ending with the discussion between Information Representation and ecomuseums. For the accomplishment of the research the methodologies of bibliographical research, field work, observation, participant and oral history were used. Regarding the results, it was verified that the forms of Information Representation in this research occur through museological documentation, exhibition, and mediation.

Keywords: Information Representation. Ecomuseum. Information Science. Museology. Ecomuseology.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 – Exemplo de texto na exposição ‘Passarinhando’..... | 58 |
| Figura 2 – Exemplo de etiqueta explicativa..... | 58 |
| Figura 3 – Objeto exposto com etiqueta explicativa..... | 59 |
| Figura 4 – Montagem a partir dos principais espaços do Ecomuseu do Ribeirão da Ilha..... | 61 |
| Figura 5 – Bandeira dos Açores..... | 62 |
| Figura 6 – Casa em estilo Açoriano..... | 64 |
| Figura 7 – Exposição de longa duração: Gramofone..... | 65 |
| Figura 8 – Engenho de farinha de mandioca..... | 66 |
| Figura 9 – Entrada do espaço expositivo..... | 68 |
| Figura 10 – Módulo expositivo: Cozinha..... | 69 |
| Figura 11 – Memorial Agobar Fagundes..... | 61 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|----|
| Quadro 1 - Diferença entre Museu Integral, MINOM e Museologia Social..... | 40 |
| Quadro 2 - Locais de busca..... | 48 |
| Quadro 3 - Termos de busca..... | 48 |
| Quadro 4 - Artigos recuperados por chaves de busca..... | 53 |
| Quadro 5 - Artigos selecionados por meio da pesquisa bibliográfica..... | 54 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|--|----|
| Gráfico 1 - Total de Artigos por base de dados e biblioteca digital..... | 54 |
| Gráfico 2 - Total de artigos recuperados por ano..... | 56 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CI – Ciência da Informação

EDAF – Ecomuseu Dr. Agobar Fagundes

ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

FURB – Universidade Regional de Blumenau

ICOM – Conselho Internacional de Museus

MINOM – Movimento por uma Nova Museologia

OC – Organização do Conhecimento

OI – Organização da Informação

RI – Representação da Informação

SADPRI - Sociedade dos Amigos Pro-desenvolvimento do Ribeirão da Ilha

UI – Unidade de Informação

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 25 |
| 1.1 | TEMA | 26 |
| 1.2 | PROBLEMA DE PESQUISA..... | 26 |
| 1.3 | OBJETIVO GERAL | 26 |
| 1.4 | OBJETIVOS ESPECÍFICOS..... | 26 |
| 1.5 | JUSTIFICATIVA..... | 27 |
| 2 | REFERENCIAL TEÓRICO | 29 |
| 2.1 | CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E MUSEOLOGIA NO CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO..... | 29 |
| 2.1.1 | A influência da Documentação de Otlet na Museologia | 31 |
| 2.2 | PROCESSOS MUSEOLÓGICOS, OBJETOS E INFORMAÇÃO: DO MUSEU TRADICIONAL AO ECOMUSEU..... | 36 |
| 2.2.1 | A constituição dos Ecomuseus | 40 |
| 2.3 | CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E ECOMUSEU..... | 42 |
| 3 | ASPECTOS METODOLÓGICOS | 47 |
| 4 | RESULTADOS | 53 |
| 4.1 | DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA | 53 |
| 4.2 | DA PESQUISA PARTICIPANTE..... | 57 |
| 4.2.1 | O Ecomuseu Ribeirão da Ilha | 60 |
| 4.2.2 | Ecomuseu Dr. Agobar Fagundes (EDAF) – Blumenau/SC | 67 |
| 4.3 | DAS ENTREVISTAS COM OS RESPONSÁVEIS PELOS DOIS ECOMUSEUS | 72 |
| 4.3.1 | A entrevista com a responsável pelo EDAF | 72 |
| 4.3.2 | A entrevista com os responsáveis pelo Ecomuseu do Ribeirão da Ilha | 75 |
| 4.3.3 | Análises a partir das entrevistas com os responsáveis pelos dois ecomuseus | 77 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 81 |

| | |
|-------------------------|-----------|
| REFERÊNCIAS..... | 83 |
| APÊNDICE..... | 93 |

1 INTRODUÇÃO

As possibilidades de se desenvolver um trabalho relacionando Ciência da Informação (CI) e Museologia, principalmente quando se trabalha o objeto museal como documento, são inúmeras. A diversidade de tipologias de museus possibilita diferentes pesquisas, onde para esta dissertação, optou-se pelo Ecomuseu, tipologia museológica que teve seu início a partir da década de 1970, buscando uma relação entre território/patrimônio/população (CHAGAS, 2000). Nesse sentido, a informação no ecomuseu está na interação do público com o território e o patrimônio, e não apenas no objeto como documento.

Assim, buscou-se relacionar a CI com a Ecomuseologia, focando a Representação da Informação (RI) no ecomuseu, afinal, se houve uma nova perspectiva de relacionar as pessoas com as instituições museológicas, também houve uma nova perspectiva de se representar a informação nos museus. Para isso foram escolhidos dois ecomuseus no Estado de Santa Catarina, sendo o Ecomuseu Dr. Agobar Fagundes (EDAF), localizado na comunidade de Nova Rússia, Blumenau, e o Ecomuseu do Ribeirão da Ilha, localizado no distrito do Ribeirão da Ilha, Florianópolis. Até dezembro de 2016, estas duas instituições eram as únicas desta tipologia no Estado, o que motivou a sua escolha.

Essas instituições além de serem museus são unidades de informação e, conseqüentemente, possuem maneiras específicas de representá-la. Portanto, neste trabalho, são desenvolvidas reflexões que relacionam CI e Museologia, mostrando, por meio do referencial teórico, a possibilidade de pesquisas que tenham como tema a RI em museus. Como RI, entende-se o resultado da OI nos termos ressaltados por Brascher e Café (2008).

Os resultados apontam para a ocorrência de RI nos ecomuseus nas formas específicas de documentação museológica, mediação e exposição. Porém, esta especificidade pode ser dialógica na aproximação com a CI e a própria Museologia, sendo o ponto de interconexão e aproximação interdisciplinar o conceito de objeto museal como documento. Esta constatação corrobora para a emergência de novos temas em campos já consolidados e para a necessidade de a Museologia ampliar seu escopo de responsabilidade na interação social e interdisciplinar no seu campo de atuação informacional.

É ainda necessário destacar a consciência das implicações teóricas que sempre envolveram a proposta desta dissertação. Isto porque na CI existem concepções distintas entre OC, OI e RI e na

Museologia a temática carece de um debate teórico e/ou técnico que constituam um campo específico de atuação. Mesmo assim, assumiu-se o desafio de propor, de forma inicial, pontos de partida para um assunto que não pode ser tratado de outra forma que não pela interdisciplinaridade.

1.1 TEMA

A proposta desta pesquisa tem como tema a Representação da Informação em Ecomuseu, considerando essa tipologia museológica uma Unidade de Informação (UI).

1.2 PROBLEMA DE PESQUISA

O problema de pesquisa se constituiu na leitura e reflexão sobre os conceitos de documento e documentação e suas interconexões com objetos museológicos na interface da Representação da Informação. Assim, definiu-se a seguinte pergunta de pesquisa: De que forma ocorre a Representação da Informação em Ecomuseus?

1.3 OBJETIVO GERAL

Analisar como ocorre a Representação da Informação em Ecomuseus a partir do estudo de duas instituições catarinenses: o Ecomuseu Dr. Agobar Fagundes (Blumenau-SC) e Ecomuseu Ribeirão da Ilha (Florianópolis-SC).

1.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Discutir, a partir de pesquisa bibliográfica, a relação entre Ciência da Informação, Museologia e Ecomuseu;
- Verificar, a partir de pesquisa participante e entrevistas semiestruturadas, as atividades dos Ecomuseus no que diz respeito à Representação da Informação.
- Investigar, por meio de observação a partir dos objetos museais, se a Representação da Informação auxilia a relação entre a instituição analisada e seus usuários.

1.5 JUSTIFICATIVA

Desde o início do século XX, o museu deixou de ser pensado como uma instituição de contemplação e estratificação do passado. Desde então, pode-se considerá-lo também como uma instituição responsável por informação e conhecimento por meio dos seus objetos e ações. É nesse sentido que se defende aqui as relações entre Museologia e Ciência da Informação no escopo da Representação da Informação, principalmente no modo como se busca representar e disseminar a informação museológica para seu usuário.

Pode-se, dessa forma, categorizar o museu como uma Unidade de Informação, mesmo tendo como fundamentos a contemplação, exposição, conservação de objetos para a preservação da memória e do patrimônio cultural. Por ser uma instituição que preserva e disponibiliza informação, os museus têm ocupado um espaço cada vez maior nas discussões da CI. (CASTRO, 1999).

Por trabalhar com fontes de informação¹, o museu também as estoca, organiza, recupera e dissemina por meio dos objetos museais e das ações culturais que desempenha na sociedade. Assim, uma relação interdisciplinar entre a Museologia e CI pode proporcionar às instituições museológicas o desenvolvimento de novos instrumentos de representação da informação. Da mesma forma, trazer para o campo da representação da informação, novas abordagens e discussões sobre objetos distintos dos encontrados em Bibliotecas e Arquivos.

Devido à amplitude do conceito e do campo científico da Museologia, optou-se por pesquisar, especificamente, as formas de RI em ecomuseu, instituição surgida na década de 1970 como desdobramentos dos conceitos de museu integral e museologia social. Tendo como expoentes autores como Varine (1978), Pessoa (2001) e Brulon (2015), este movimento propôs uma concepção de instituição museológica distinta do perfil tradicional dos museus. Nesse contexto, emergiu também uma perspectiva diferenciada de se pensar a cultura e a natureza, resultando numa ênfase maior às relações entre humanos/patrimônio do que humanos/objeto. É no transcorrer destas

¹ Como fontes de informação entende-se o conceito trabalhado por Cunha (2001) considerando publicações impressas, objetos, imagens, obras de arte, entre outros, que são divididos em documentos primários, secundários e terciários.

mudanças entre o que se entende por Museu, Cultura e Natureza que são criados os primeiros Ecomuseus na década de 1960 na França.

Também é necessário ressaltar que se encontram poucas referências sobre a temática desta dissertação em pesquisas e estudos tanto da área da CI quanto da Museologia. Isso se detalha a partir do item 3.2.1 deste trabalho, onde é mostrado que as buscas das palavras-chave (CI, RI, Museologia, Ecomuseologia e Ecomuseu) quando relacionadas, raramente recuperam publicações nas fontes selecionadas para a pesquisa. Dessa forma, pode-se verificar que este trabalho contribui tanto para a Ciência da Informação – quando consideradas formas diferenciadas de RI –, quanto para a Museologia, pois auxilia a entender o objeto museal como um suporte informacional, bem como os processos relativos a eles.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para o desenvolvimento do trabalho foram relacionados conceitos da CI e da Museologia, mostrando o museu como uma Unidade de Informação, enfatizando a RI no Ecomuseu. Assim, ao estabelecer a coesão de ideias e conceitos, entende-se que a RI é o resultado da Organização da Informação (OI), como defendem Brascher e Café (2008), levando em consideração que o processo de OI serve para que seja possível o acesso à informação contida nos documentos. Assim, a RI está relacionada com a OI na maneira como as informações dos documentos são descritas, para que estas sim possam ser organizadas dentro de um sistema, resultando ao final disto na RI.

Por isso, primeiramente discute-se a relação entre CI e Museologia, buscando verificar as influências de ambas as áreas na Organização da Informação e do Conhecimento (OC), seus contextos históricos e como isso levou ao desenvolvimento da disciplina da Documentação, por Paul Otlet e Henri La Fontaine, no início do século XX, vista como uma forma de RI. Ao ser detalhada esta trajetória, verificou-se também como os autores incluíram os objetos tridimensionais no seu conceito de documento, mostrando que os documentos existem nos mais diferentes suportes, possibilitando a inserção do objeto museal como portador de carga informacional, caracterizando-o como documento.

Por conseguinte, a segunda parte do referencial teórico aborda como a constituição da área museológica influenciou no desenvolvimento do conceito de museu integral, no Movimento por uma Nova Museologia e, conseqüentemente, na formação dos ecomuseus. Assim, buscou-se verificar a trajetória da Museologia enfatizando um de seus eixos, a Museologia Social.

Finalizando o referencial teórico, estabeleceram-se as características do ecomuseu como Unidade de Informação, por isso é referenciado os conceitos de informação, conhecimento e RI que melhor se encaixam com o tema do trabalho, abrindo a discussão sobre as formas de RI nos ecomuseus.

2.1 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E MUSEOLOGIA NO CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO

Ao historiar o processo social de organização do conhecimento desde a imprensa de Gutenberg ao iluminismo de Diderot, Burke (2003)

mostra as tentativas de organizar e comunicar a informação. Essa classificação, que começou na Idade Média, foi uma tentativa de organizar e representar o conhecimento vigente no contexto europeu.

Inicialmente, Burke (2003) afirma que o conhecimento foi classificado conforme diferentes grupos e de forma hierárquica. Segundo ele, as dualidades trazidas entre conhecimento teórico e o prático; público e privado; legítimo e proibido; alto conhecimento e baixo conhecimento; liberal e tradicional; particular e universal; masculino e feminino, além de outros, mostram os diferentes contextos e formas de classificação. O mesmo autor ainda mostra a trajetória da organização do conhecimento vinculada ao desenvolvimento das universidades europeias no período medieval, onde suas bibliotecas estavam organizadas conforme os currículos de cada instituição. Existia um ordenamento de livros, que quase sempre era igual em diferentes universidades, pois existia um grande intercâmbio entre estudantes de diferentes países da Europa.

Fora do contexto europeu, Burke (2003) explica que na China, por exemplo, a biblioteca imperial era dividida em quatro grupos: Clássicos, História, Filosofia e Literatura. Já no mundo islâmico, o autor mostra que a organização estava ligada ao Alcorão, primeiro livro na classificação, seguido pelos *hadith* (interpretações do Alcorão), sendo posterior a ele o *fiqh* (teologia). Por último constavam livros em ordem de citações do Alcorão. Percebe-se assim, que em diferentes contextos e sociedades, buscou-se uma forma de organizar e representar a produção do conhecimento humano, a fim de torná-lo acessível.

Além das bibliotecas, os museus também passaram por algumas modificações quanto à organização da informação. Ao discutir a trajetória dos museus, Suano (1986) afirma que, durante os séculos XV-XVIII, as instituições museológicas poderiam ser denominadas “Gabinetes de Curiosidades” ou até mesmo “Câmaras Principescas”. Essa correlação identitárias se dá porque ambas estavam ligadas com a exposição do exótico ou do diferente. Corroborando com esta constatação, Burke (2003) acrescenta que, pela “descoberta” da América, o colecionismo cresceu em toda a Europa, o que fez com que este tipo de museu precisasse de uma forma de organização e sistematização de tudo o que era exposto. Muitas das coleções eram divididas conforme sua matéria-prima. No entanto, a classificação estava vinculada às disciplinas ministradas nas universidades europeias, ou seja, ela precisava corresponder a um currículo para que fosse possível produzir estudos sobre os objetos.

Contribuindo com esse panorama está a enciclopédia, que de início era referida ao currículo. As enciclopédias estavam vinculadas às significações e expressões do conhecimento sobre o mundo. A organização delas variava conforme seu criador ou em todas as disciplinas das universidades. Mesmo com essa iniciativa de desenvolver uma forma de classificação do conhecimento, muitos dos esquemas de organização eram modificados e criticados pelos pesquisadores e estudiosos de cada época. Não se tinha um modelo a ser seguido, o que possibilitava a construção e o melhoramento do que era criado. (BURKE, 2003).

Essas primeiras tentativas de organização do conhecimento ajudaram, durante o final do século XIX e início do século XX, a criação da disciplina de documentação por Paul Otlet e Henri La Fontaine. Segundo Siqueira (2010), estes dois autores buscavam formas eficazes de organizar, sistematizar e disseminar a informação, num período de pleno desenvolvimento industrial. Assim, neste trabalho, apoiado em teóricos da CI como Otlet, Briet e Buckland, considera-se que a documentação é uma forma de RI, seja por meio de catálogos, controle, guarda e classificação, seja na Museologia pela documentação museológica e outros processos que trabalhem com a informação dos objetos.

Portanto, percebe-se que a busca por uma organização da informação auxiliou na criação da disciplina Documentação. Por isso, é mister estabelecer também como as ideias de Paul Otlet, Suzanne Briet e Michel Buckland, impulsionaram o desenvolvimento das discussões sobre a categoria “documento” que se tornaram marcos teóricos tanto nas áreas da CI quanto da Museologia.

2.1.1 A influência da Documentação de Otlet na Museologia

Otlet (1934) foi um dos primeiros autores a mostrar que também os objetos podem ser considerados documentos por possuírem carga informacional. Segundo ele, os objetos se dividem em cinco grupos: 1) objetos naturais (plantas, minerais e animais); 2) objetos artificiais (criados pelo homem para suprir alguma necessidade); 3) objetos com traços humanos (aqueles que têm alguma interpretação ou significado); 4) objetos demonstrativos (os que são feitos para representar algo); e 5) objetos de arte. Dessa forma, constata-se que os objetos de museus podem caracterizar-se como documentos e que, sendo assim, é

necessário atentar para a organização e representação das informações contida neles.

Otlet ao mostrar que o suporte documental não se restringe ao papel, e, com La Fontaine, iniciam juntos os estudos que irão resultar na disciplina intitulada por eles como Documentação. De acordo com Alvares e Araújo Júnior (2010), a obra *Traité de Documentation* de Otlet (1934) é clássica para a CI, por ser um marco inicial para a organização da informação e do conhecimento, e seu autor um dos precursores da mesma área.

Ao tempo em que se estabeleciam parâmetros para organizar a informação no início do século XX, Araújo (2014b), afirma que a documentação desenvolvida por Otlet auxiliou no desenvolvimento da organização da informação de instituições como arquivos, museus, centros de documentação, entre outros. Assim as instituições perceberam que não eram meros depósitos de documentos, mas que a informação ali registrada deveria ser acessada, sendo necessária a utilização de ferramentas que permitissem a recuperação e disseminação da informação de forma rápida, qual era a proposta de Otlet.

Com o decorrer dos estudos sobre a informação e motivados cada vez mais pelas ideias de Otlet, alguns autores merecem destaque pela continuação de trabalhos com a documentação. Este é o caso de Briet (1951) que aprofunda os estudos documentalistas com outros suportes informacionais, tais como fotos, a microfilmagem, etc. De acordo com esta autora, o documento necessita de materialidade, e que, no caso dos museus, o documento é constituído pelo objeto e aquilo que se produz a partir dele. Sendo assim, o objeto museal, além de ser suporte informacional, necessita ser analisado para que as informações sejam coletadas, processadas e futuramente acessadas. Todo esse trabalho pode ser realizado pelos processos museológicos desenvolvidos pelos museus, como documentação museológica, exposições, restauros, entre outros.

Aprofundando essas discussões, Buckland (1991) assegura que o processo de documentalidade começa pela materialidade e que apenas objetos físicos podem ser documentos. No entanto, para este autor, o objeto museal só se torna documento quando tratado como evidência de algo. Além disso, deve haver uma atitude fenomenológica onde o objeto seja percebido como documento. Assim, segundo a perspectiva de Buckland, nada nasce para ser documento, mas existe um processo para que algo se torne um.

A relação com a documentalidade é possível, pois esta trabalha com as características informacionais dos documentos, onde existe a

descrição das informações e estas são organizadas, logo todo este processo se caracteriza como RI.

No entanto, para que a RI em museus aconteça de forma efetiva, Cerávolo e Tálamo (2007) asseveram que é necessário a documentação em museus a partir de um processamento de informação. Esse processamento se dá por um fluxo de informações definido por dois processos paralelos, um que irá tratar o objeto como suporte e outro organizar as informações que lhe dizem respeito. Todavia, o caso dos museus é diferente de arquivos e bibliotecas, pois muitas vezes o suporte não se distancia da informação. Assim, as autoras mostram que para resolver esse problema é necessário definir uma matriz da informação, onde constarão características físicas e de conteúdo dos objetos. Essa fonte auxilia na forma de representação da informação dos objetos, muitas vezes ajudando na criação dos campos de preenchimento das fichas de documentação museológica.

Percebe-se que entre Cerávolo e Tálamo (2007) há contribuição de Mensch (1992) ao definirem uma matriz de informação para os objetos museais. Isso fica nítido ao afirmarem que é necessário constar em fichas de documentação informações físicas, as quais se podem afirmar também como informações intrínsecas e de conteúdo informações extrínsecas.

Em relação às informações intrínsecas e extrínsecas, Mensch (1992) afirma que as primeiras são relacionadas ao conteúdo do próprio objeto, como forma, cor, material de composição, entre outros. Já as informações extrínsecas dizem respeito à história do objeto, seu contexto de criação, sua utilização, sua trajetória de existência. Ainda conforme o autor, o objeto de museu se diferencia de qualquer outro objeto, pois eles são retirados do seu contexto primário e são colocados como um documento da realidade seja ela do passado ou do presente. Para o autor, o objeto de museu não é apenas um objeto qualquer, afinal, ele foi coletado, classificado, documentado e conservado, servindo como uma fonte informacional.

Da mesma maneira de que algo necessita de um processo para se tornar documento, os objetos de museus também passam pelo processo de musealização. Segundo Guarnieri (1990) a musealização ocorre por três princípios: documentalidade, testemunhalidade e fidelidade.

O princípio da documentalidade relaciona-se etimologicamente a *docere* (ensinar). Na visão de Guarnieri (1990) os objetos musealizados têm o caráter de documento por possuírem informações, sendo estas utilizadas por seu público.

O segundo princípio defendido por Guarnieri (1990) é o da testemunhalidade, pois quer que o objeto seja testemunho de um acontecimento ou fato ocorrido. *Testimonium*, origem da palavra, faz com que o objeto tenha esse caráter de testemunha de um contexto, seja do passado, presente ou futuro. Percebe-se assim que o testemunho não está vinculado apenas ao fato do objeto existir, mas pelo objeto musealizado conter informações. São elas que criam o caráter testemunhal.

Por último, o objeto deve ter seu caráter de fidelidade, pois deve se manter constante naquilo que representa. Não quer dizer autenticidade, mas a veracidade do caráter de documento ou testemunho. Guarnieri (1990) afirma também que ao se musealizar procura-se passar informações ao público, mostrando que a informação pressupõe conhecimento, registro e memória.

Embora o desenvolvimento da documentação como base para a RI seja necessária, o usuário do museu (público²) terá as informações por meio das exposições. Loureiro e Loureiro (2013) mostram que a informação, no contexto museológico, se dá para o seu público por meio das exposições, que partem de determinada ideologia e são modeladas a partir de um recorte histórico e sociocultural. O que os autores querem dizer com ideologia é o discurso narrativo que um museu possui para com seu público.

Já Semedo (2006) deixa claro que as ideologias que os museus têm na sua constituição não reproduzem apenas a realidade e, por isso, eles criam novas significações, mostrando que a cada observação do visitante, a cada comentário há uma nova possibilidade de interpretação da informação. Não obstante, quem irá representar também determinará o futuro da Representação da Informação em museus, afinal, o museu é constituído por pessoas que tem uma carga social e cultural diferentes. Neste caso, deve-se acrescentar ao conceito de “ideologia” da instituição, o de subjetividade do profissional que possui liberdade de criar representações mesmo dentro dos limites de cada Museu.

Dessa forma, o caso específico da Museologia com a RI ultrapassa a etapa da documentação museológica, pois também faz parte do escopo da ciência dos museus a extroversão da informação e sua compreensão pelo público. Assim, Guarnieri (1990) defende que além da documentação, o objeto de museu necessita da extroversão para que

² Neste trabalho será utilizado como sinônimo público, usuário e visitante, conforme destaca Le Coadic (1996).

possa informar, pois não basta apenas ser documento, testemunho de algum acontecimento se o seu usuário não utiliza das informações.

A extroversão no museu se dá pela forma como o público capta as informações no contexto museológico. Conforme Cunha (2005) a ação mais comum de extroversão é a exposição museológica, que busca informar o público por meio de um discurso. Nessa mesma linha de raciocínio sobre a extroversão, Nascimento (1994) afirma que o objeto museal como objeto de conhecimento supera sua identidade documental, pois precisa estabelecer relações humanas entre homem e seu meio. É esta relação que constitui os objetos museológicos. De um modo geral, segundo a mesma autora, a musealização passa a fazer do objeto um símbolo de representação de uma manifestação cultural.

Araújo (2014a) ao propor um diálogo interdisciplinar entre a Museologia e a CI, mostra, com a indicação de vários autores, como a RI foi construída ao longo do tempo nos museus e como ocorreram as mudanças. Segundo o autor, o contexto em que surgiu o museu moderno, com características nacionalistas, afetou as formas como se ordenavam, descreviam, classificavam e eram expostos os acervos museológicos. Além disso, as ideias enciclopedistas também auxiliaram nesse ordenamento, buscando uma taxonomia, principalmente em museus de história natural.

O desenvolvimento da documentação nas instituições museológicas é paralelo ao desenvolvimento da Ciência da Informação. Afinal, como afirma Yassuda (2009), com a criação do museu moderno a partir do século XIX, onde muitas coleções privadas se tornaram públicas, os museus começaram a passar por processos de classificação de seus acervos. Dessa forma, se tornou indispensável para a gestão da informação a documentação museológica.

Tanto Araújo (2014a) quanto Yassuda (2009), mostram que até o início do século XX os museus não estavam preocupados em documentar suas coleções. Essa realidade se modifica com a criação da *Museum Documentation Association*, que buscou formas de fazer documentação em museus. Araújo (2014a) ainda afirma que, de início, a documentação museológica estava mais preocupada com questões de normalização, para um possível ordenamento e controle de informação, proporcionando que os objetos fossem instrumentos de pesquisa para as pessoas.

Embora isso faça sentido, a Museologia buscou também classificar os objetos conforme seu contexto histórico, sua criação e sua função. Portanto, os objetos dentro de um museu estão inseridos conforme o discurso da instituição e o que ela quer que o público veja.

Essa relação em que o público apenas é espectador e não contribui na forma como o museu trabalha com a informação, acaba mudando a partir da década de 1970, com o conceito de museu integral, e em 1984 com o Movimento pela Nova Museologia, que será discutido a seguir.

2.2 PROCESSOS MUSEOLÓGICOS, OBJETOS E INFORMAÇÃO: DO MUSEU TRADICIONAL AO ECOMUSEU.

Os museus são conhecidos por serem instituições que preservam e expõem, muitas vezes associados a arte ou à história. Embora o museu nasça da intenção preservacionista e de formação de coleções, deve ser levado em consideração que as instituições museológicas trabalham com informação e conhecimento. Por isso, seu estudo é necessário dentro da CI, principalmente nos aspectos da organização, representação, recuperação e disseminação da informação.

A discussão aqui iniciada não busca fazer um processo histórico dos museus mostrando sua evolução desde a antiguidade até hoje, afinal há trabalhos específicos sobre esse tema.³ No entanto, é necessário partir da constituição do museu moderno, como instituição que conhecemos hoje, o qual inicia com a Revolução Francesa, tendo como impulso o forte nacionalismo que se instaurava nos países europeus no século XVIII (LIMA, 2012). A partir deste momento, os museus são constituídos no intuito de expor obras consideradas como bens nacionais e que deveriam ser acessadas pelo público, tornando-se essenciais para a preservação da memória nacional e da educação da nação. Dessa forma, os museus deixaram de ser apenas instituições de guarda e contemplação de “curiosidades” e iniciaram processos técnicos para tratar tanto dos aspectos físicos quanto informacionais dos objetos.

Lima (2012) aborda a musealização a partir da criação do museu moderno, este ligado ao movimento de patrimonialização que a França

³ Neste aspecto, Poulot (2013) aborda a constituição dos museus desde a antiguidade como templo das musas, a constituição do museu moderno e as novas correntes museológicas, teorizando sobre a história dos museus e a área museológica. Corroborando Suano (1986), que constrói uma narrativa cronológica sobre a história dos museus, enfatizando a formação de coleções pelos humanos, até o momento em que se constituíram locais de depósito e de exposição de objetos. Já Julião (2006) mostra como os museus se constituíram no âmbito internacional, principalmente após a Revolução Francesa, e como isto influenciou o desenvolvimento das instituições museológicas no Brasil.

passou após sua revolução, mostrando que os museus e seus acervos recém-criados foram constituídos como patrimônio histórico e cultural e precisavam ser preservados. Dessa forma, ao caracterizar o museu como um espaço de preservação da memória e do patrimônio nacional, procedimentos técnicos foram criados para que isso acontecesse. Além de preservar os objetos, o museu também deveria expô-los e para isso era necessário adotar procedimentos que facilitassem o desenvolvimento dessas ações.

Segundo Brulon (2016), pelo processo de musealização o objeto passa por novas significações que não tiram seu valor utilitário, mas lhe agregam valor interpretativo. Nesse processo de valoração, os objetos dos museus saem do círculo comercial e passam a configurar o círculo da representação sociocultural. Ao historiar esse processo de “reinterpretação” dos objetos, Brulon (2016) mostra também a emergência da organização dos acervos museológicos que, inicialmente, foi feita a partir dos tipos, matérias-primas, autor, entre outras informações que poderiam caracterizar e ordenar uma coleção. O mesmo autor explica ainda que este tratamento organizacional impôs a necessidade de buscar, em disciplinas científicas, o respaldo para realizar seus procedimentos.

Neste aspecto da organização dos museus modernos, Suano (1986) também defende a determinação dos procedimentos técnicos como uma característica dos museus modernos. Além disso, este autor mostra que a busca pela cientificidade dos métodos aproximou os profissionais do museu da própria ciência moderna cartesiana, estabelecendo técnicas cada vez mais sistematizadas a partir da constituição de documentação museológica, curadorias, exposições. Segundo Suano (1986), esta prática pode ser constatada pela confecção, durante o século XIX, de diferentes manuais que explicavam como fazer uma exposição ou documentação nos museus e ou até mesmo formas de comportamento dentro das instituições.

Com o avanço do século XX e o final da Segunda Grande Guerra, houve grande preocupação em preservar e proteger o patrimônio cultural e natural. Como resultado criou-se a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) no ano de 1945, órgão internacional para suporte no desenvolvimento de ações de preservação do patrimônio cultural em diferentes esferas e territórios (UNESCO, 2002). Para auxiliar nesse processo, foi também criado, em 1946, o Conselho Internacional de Museus (ICOM), que, vinculado a UNESCO, também estabelece diretrizes internacionais para o desenvolvimento, subsídios e proteção do patrimônio cultural vinculado aos museus.

Com a criação destes órgãos internacionais se intensificaram as buscas por diretrizes que auxiliassem as instituições museológicas a seguir um padrão para o cumprimento dos seus objetivos. Percebe-se um crescimento no intercâmbio de conhecimentos e informações entre os diferentes profissionais de museus para que a exposição dos objetos e a sua preservação fosse possível. Com o desenvolvimento cada vez maior da área museológica, os profissionais de museus começaram a se questionar sobre qual seria a real função do museu na sociedade. Seria expor objetos como testemunho da história ou obras de artistas renomados? Preservar com qual intenção? O que preservar? Para que preservar e expor? Essas indagações proporcionaram novos pensamentos e trajetórias para ciência dos museus, o que ocasionou, em meados do século XX, o pensamento sobre o museu integral, a Nova Museologia e a criação dos primeiros ecomuseus.

Segundo Querol (2013), os primeiros pensamentos sobre a Nova Museologia surgiram em 1958 no Rio de Janeiro, Brasil, no Seminário Regional da UNESCO sobre o Papel Pedagógico dos Museus. Esse encontro proporcionou uma maior afinidade sobre conceitos e sobre o papel social das instituições museológicas, principalmente influenciadas pelas ideias pedagógicas de Paulo Freire. Para Querol (2013, p.170), Freire “rompe com as tradicionais barreiras da comunicação vertical do conhecimento – até então profundamente institucionalizadas”. Em suma, pode-se dizer que Freire (1967) propôs novos paradigmas para o processo de ensino e aprendizagem, mostrando que a forma de alfabetização pode se dar no meio social em que o indivíduo se encontra. Nesse sentido, os museus poderiam atuar como instrumentos de uma educação libertadora uma vez que estivessem comprometidos com a democratização do conhecimento.

Com o passar do tempo, as ideias sobre uma instituição museológica voltada para a realidade social ganhavam cada vez mais força no meio museológico, o que fez estabelecer no ano de 1972 a Mesa Redonda de Santiago do Chile⁴, evento que culminou no conceito de museu integral. Scheiner (2012), afirma que o museu integral não se relaciona apenas com os procedimentos de musealização de um objeto, um patrimônio ou território, mas sim com os conceitos de espaço, de

⁴A Mesa Redonda de Santiago do Chile foi um evento internacional, que proporcionou a discussão sobre o papel dos museus na América Latina, principalmente nos aspectos educacionais e de mudança social. Para maiores informações acessar: <<http://www.icom.museum>>

tempo e de memória que, por sua vez, atuam diretamente na constituição dos grupos sociais aos quais fazem parte.

Ainda de acordo como Scheiner (2012), a sociedade do conhecimento se fundamenta numa educação de responsabilidade coletiva e por mais de uma instituição. Dessa forma, a autora mostra que o papel educacional não é apenas das escolas, merecendo destaque outras instituições, como, por exemplo, os museus. Para ela, a Mesa Redonda de Santiago propiciou três características fundamentais para o museu integral: 1) um museu tradicional também pode ser um museu integral, afinal, a carta de Santiago se refere a todo o campo museológico, mostrando que os museus tradicionais também se preocupam com seu meio social; 2) a carta de Santiago foi um impulso para que os museus latino-americanos assumissem sua missão e fossem instituições de mudança social em seus países, cidades e comunidades; e 3) só haverá mudança social em relação aos museus por meio dos profissionais que neles executam seus trabalhos.

Com o desenvolvimento teórico do campo museológico e as discussões cada vez mais fervorosas acerca do museu integral houve, em 1984, uma reunião internacional sobre o tema, na cidade de Quebec (Canadá). Como resultado deste encontro, publicou-se a “Declaração de Quebec”, marco inicial do Movimento por uma Nova Museologia (MINOM), oficializado no ano seguinte, durante o II Atelier da Nova Museologia em Lisboa, Portugal. (BRULON, 2015).

Ganhando cada vez mais espaço, o MINOM passou a integrar o ICOM, sendo que cada país membro tem sua própria comissão para discussões que são apresentadas em reuniões acerca da Nova Museologia e da Museologia Social. Apesar de partirem dos mesmos princípios e história, o Museu Integral, o MINOM e a Museologia Social são coisas distintas, conforme aponta o Quadro 1.

Quadro 1 – Diferença entre Museu Integral, MINOM e Museologia Social

| | | |
|--------------------------|-------------------|--|
| Museu Integral | Conceito | Abarca todas as tipologias de museus a fim de que estas instituições sejam ferramentas para a educação e a mudança social. |
| MINOM | Movimento da área | Movimento internacional para que os museus sejam mais abertos aos seus públicos, cumprindo, assim, sua função social. |
| Museologia Social | Base filosófica | Constitui como base conceitual para o Museu Integral e o MINOM. |

Fonte: Elaborado pelo autor, 2018.

O resultado de tudo isso são as novas tipologias de instituições museológicas que começaram a existir, como os museus comunitários, os museus de território, merecendo destaque aqui o Ecomuseu.

2.2.1 A constituição dos Ecomuseus

A história do Ecomuseu está, como já dito, ligado ao desenvolvimento do MINOM e da Museologia Social. As primeiras experiências que influenciaram a Ecomuseologia, como afirma Scheiner (2012) foram os museus a céu aberto, museus-ateliers e parques naturais musealizados.

Assim, o Ecomuseu nasce de diversos pontos que se interligam, sofrendo variações conforme tempo e local em que a instituição se situa. Para Brulon (2015), o Ecomuseu nasce na França pós-colonial como resultado da ilusão à democratização da memória, onde a criação de uma nova instituição que contemplasse os que não pertenciam à história oficial oferecia um suporte para que esses fossem ouvidos. Já para Chagas (2000), o Ecomuseu surge para romper com os padrões até então estipulados pela museologia tradicional, se propondo ao novo, fazendo com que houvesse maior participação e integração das pessoas com o patrimônio cultural.

De acordo com Brulon (2015), a primeira experiência de Ecomuseologia pode ser verificada na criação do *Écomusée du Creusot Montceau-les-Mines* (1974), França, por Marcel Évrard (1921-2009).

Ao idealizar um museu totalmente diferente dos que haviam, Marcel se propôs a constituir uma instituição em que o patrimônio estivesse mais ligado às pessoas do que aos objetos, possibilitando que a comunidade local se visse e pudesse se representar, definindo e entendendo qual seria o seu legado patrimonial.

Vale lembrar que até o momento de criação desta instituição ainda não se sabia se seria uma nova tipologia de museu e qual seria o nome desta nova instituição. A mudança começa quando Varine (1992) se entusiasma com a instituição criada por Évrard e em algumas discussões no ano de 1971 conceitua como Ecomuseu, fazendo relação entre ecologia e museu.

Mesmo surgindo o termo que definiria uma nova tipologia de museu, Riviere (1985) enfatiza algumas características para o ecomuseu, como um instrumento que tanto população quanto poder político podem conceber, sendo o primeiro por suas aspirações e seus conhecimentos e o segundo pelos especialistas, instalações físicas e recursos.

Outra característica que o mesmo autor especifica é a do ecomuseu como uma expressão do homem e da natureza, onde a última é interpretada na sua relação com a humanidade, mostrando seus aspectos durante toda a evolução de uma sociedade naquele espaço. Ao mesmo tempo em que isso ocorre, o ecomuseu é um laboratório onde a cultura na qual a população se insere deve ser entendida na sua amplitude.

Pessoa (2001) sustenta que a Ecomuseologia é uma expressão que foge da museologia tradicional, pois torna os museus acessíveis e mais didáticos, fazendo com que o público conheça melhor sua história e cultura. Ainda segundo Pessoa (2001), a ideia de Ecomuseologia surgiu quando Hugues de Varine assumiu a presidência do ICOM. No entanto, Varine foi motivado pela ideia de George-Henri Rivière, que colocava o ecomuseu como uma instituição indefinida. Isto porque o ecomuseu seria uma instituição dinâmica do próprio ecossistema em que os seres humanos estavam integrados, sendo reflexo da própria população que se reconhece no seu território e está ligada a ele.

Nos últimos anos, Davis (2009) vem realizando pesquisas com ecomuseus em diversos locais do mundo, como *Gavalochori Museum* (Grécia), *Hirano-Cho Ecomuseum* (Japão), *Kalyna Country Ecomuseum* (Canadá), *Ecomuseum of the Terraces and the Vine* (Itália), e discute que as instituições estão voltadas ao desenvolvimento local da região. Para isto o autor destaca a necessidade da participação da comunidade local na compreensão do seu papel para a realização destes museus.

O mesmo autor ainda estabelece as características essenciais para a existência dos ecomuseus sendo: a definição de um território (podendo ser uma paisagem, uma fábrica ou até mesmo um dialeto específico); a identificação do patrimônio cultural para determinada comunidade (permitindo a conservação *in-situ* e a sua interpretação); existir relação entre instituições e organizações locais; e a comunidade sentir-se empoderada em relação a sua cultura, patrimônio e território e beneficiar-se disto.

Com esta discussão acerca do ecomuseu, é visto o que para Rivière (1985) e Varine (1985) já estava claro, de que o ecomuseu é uma instituição em constante evolução, que tem o ser humano como ponto central na sua constituição museológica. O Ecomuseu busca integrar o desenvolvimento humano com o seu patrimônio cultural em determinado território, incentivando a comunidade local a se representar e preservar sua memória e sua história. O que um Ecomuseu se diferencia das demais instituições museológicas é a forma como o patrimônio cultural é vivenciado, tentando fazer com que a comunidade seja protagonista nas ações e processos desenvolvidos pelos ecomuseus, e que esta esteja envolvida com os profissionais de museus para a preservação e representatividade do patrimônio cultural local.

2.3 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E ECOMUSEU

Por constituírem coleções, os museus também desenvolveram metodologias e técnicas para documentá-las. Esse aspecto técnico da área ganha grande contribuição da Ciência da Informação, principalmente no que se refere às temáticas relacionadas ao objeto museal, ao documento e à documentação. Ao confirmar essa ideia pode-se notar que a RI se relaciona ao processo trazido por Buckland, conforme já apresentado.

Aqui será aprofundada a RI para o trabalho, e os motivos destes se relacionarem com a Museologia e o Ecomuseu enquanto Unidade de Informação. Por isso é necessário caracterizar a diferença entre informação e conhecimento e por que para este trabalho foi escolhido apenas trabalhar com informação. Isto porque, Brascher e Café (2008) chamaram a atenção para o fato de que os conceitos “informação” e “conhecimento” se confundem dentro da área, sendo necessário distingui-los, mesmo tendo características próximas e sendo interligados.

Capurro (2003) estabelece um trinômio para definir o que é informação sendo que esta categoria agrega em si um conceito físico, um cognitivo e um social. Às vistas desta pesquisa, esta explicação é a mais pertinente porque possibilita maior compreensão da relação entre a CI e a Museologia, caracterizando-as como áreas interdisciplinares.

De acordo com Capurro (2003) o conceito físico da informação é estabelecido por uma materialidade que acontece por meio da criação dos suportes de informação. Conseqüentemente, ao estabelecer o conceito físico constata-se que é necessário um suporte informacional, pois este estará ligado há algum sentido físico (tato, olfato, visão, audição e paladar) humano, mostrando assim a materialidade da informação.

A relação deste primeiro conceito com a Museologia acontece por meio dos processos museológicos, estabelecidos pelos profissionais que trabalham nos museus. Estes processos como a documentação museológica, curadorias e conservação preventiva, por exemplo, resultam em pesquisas onde são constatadas e obtidas as informações dos objetos museológicos, que possivelmente serão registradas. Essas ações desenvolvidas pelos profissionais dos museus são as que estabelecem o conceito físico da informação no campo museológico.

Já o segundo conceito – o cognitivo – está vinculado à forma individual de cada um receber e processar a informação. É a forma individual que cada pessoa recebe e transmite a informação, para que esta resulte em conhecimento. Nos museus isso pode ocorrer na forma como cada pessoa interpreta as informações disponibilizadas nas exposições, nos serviços de folhetaria, nas ações culturais e educativas, na utilização das informações dos objetos para pesquisas. A informação do objeto poderá ter inúmeras interpretações, dependendo do contexto em que ela estará inserida.

Por fim, o terceiro, o conceito social da informação está vinculado ao modo pela qual informação é estabelecida num grupo social. A informação é posta como algo corriqueiro e necessário para o desenvolvimento humano, onde existe forte relação entre sujeito, documento, instituição, tecnologia da informação, etc. Este conceito para a área museológica pode ser entendido na forma como acontece a relação entre profissionais e públicos, dentro e fora do espaço museológico, visto que a troca de informações tanto do campo técnico como do usuário pode ser benéfica para ambos. Essa troca de informações faz com que o público possa criar e modificar os seus conhecimentos, ao mesmo tempo em que auxiliam os profissionais nos museus no preenchimento de alguma lacuna. Um exemplo são as fichas

de documentação museológica, onde muitas vezes o público consegue auxiliar com informações faltantes.

Ao discutir o trinômio conceitual de Capurro (2003), Araújo (2014a) resume o seguinte: o conceito físico trabalha com a informação como um conteúdo objetivo; o conceito cognitivo da informação é algo que altera o estado de conhecimento da pessoa; e o conceito social é a correlação entre informação, sujeitos, instituições, sendo um processo sócio-cultural.

Já sobre o conceito de conhecimento, Le Coadic (1996) afirma que é a imagem que os humanos constroem do mundo nas relações que fazem a partir das informações recebidas. Para o autor, o estado de conhecimento é mutável, pois, a cada informação o conhecimento se modifica, surgindo assim um novo estado de conhecimento. Nesse sentido, a relação com a Museologia se estabelece no momento em que os museus constroem formas de materializar o conhecimento, ficando clara a relação entre os conceitos anteriormente estabelecidos por Capurro. A materialização do conhecimento é estabelecida por trabalhos com a informação, no caso das instituições museológicas com a documentação museológica, exposições, conservação preventiva, curadorias, mediações, entre outros.

Esses processos realizados pelos museus conseguem criar a imagem do mundo do conceito de Le Coadic, ao criarem exposições onde além das informações contidas em textos, etiquetas, catálogos e outras formas gráficas, a forma como os objetos estão expostos, em uma vitrina ou numa ambientação, ou por meio de pesquisas com o acervo, estabelecem as modificações necessárias para um novo estado de conhecimento.

Contribuindo com essa discussão, Brascher e Café (2008) ao escrever sobre informação e conhecimento tem como seu principal aporte teórico Fogl (1979), que mostra as principais características de cada um. Assim, as autoras situam o conhecimento como o resultado do processo cognitivo do conteúdo da consciência humana e a informação como a forma material do conhecimento, onde se expressa um conjunto de signos e determinado suporte físico.

Guardadas as devidas distinções, esta discussão também se aplica aos museus, pois, os objetos museais são suportes informacionais, conseqüentemente, documentos. Por isso precisam passar por trabalhos e procedimentos com a informação, como pesquisa, documentação, indexação que são formas de RI. Segundo Brascher e Café (2008), a RI é um produto da OI, sendo um processo que procura descrever elementos informacionais que representam um documento.

Buscando um diálogo possível entre as áreas da CI e a Museologia, Araújo (2014a) considera a Representação da Informação como um dos pontos em comum entre estas áreas. Segundo ele, tanto no plano geral da CI, quanto no plano específico dos museus, é a RI que possibilita a recuperação e o acesso das informações, facilitando o conhecimento aos usuários.

Assim, a OI é constituída por processos que trabalham com a identificação, coleta, e sistematização de informações sobre os documentos, sendo o resultado desses processos a RI. Nas instituições museológicas ela está ligada à forma como o profissional que trabalha com os objetos irá coletar características intrínsecas e extrínsecas para que o usuário possa utilizar. Na Museologia é percebido que a maior aproximação com o que se entende como RI na CI é o desenvolvimento da documentação museológica. Isto porque é por meio deste procedimento técnico da museologia que as informações dos objetos são pesquisadas e descritas. Este processo pode ser a forma de RI mais semelhante com as da CI, Biblioteconomia e Arquivologia desde que guardadas as especificidades de cada uma. Isto porque a documentação nos museus é um processo técnico de competência do profissional Museólogo⁵.

A vinculação da RI com a documentação museológica é constatada pelo fato de ser o procedimento que mais se trabalha com a informação nos museus, sendo tanto de caráter extrínseco como intrínseco, como já mencionado por Mensch (1992). Já de acordo com Ferrez (1994) a documentação museológica é um conjunto de informações ordenado dos objetos museais, onde ocorre a representação destes pela escrita e por imagens, também sendo um sistema de recuperação de informação para pesquisas e fontes de informação.

No entanto, nesta temática os ecomuseus merecem uma maior atenção, pois, além de objetos possuem também uma maior relação do seu público com o território e o patrimônio. Ademais, a informação é transmitida por meio de ações que não se relacionam apenas com objetos físicos, mas com seus significados, símbolos e sentimentos. Dessa forma, a RI deve ultrapassar os condicionantes da documentação

⁵ Conforme a Lei N° 7.287, de 18 Dezembro de 1984, que regulamenta a profissão de Museólogo e em seu Artigo 3º coloca as atribuições do profissional. Para mais informações acessar: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7287.htm>

e atuar no nível do *modus operandi* onde a informação está sendo enviada e recebida pelo “usuário” dos museus. Nesse sentido, reforça-se a tese de Araújo (2014a) sobre as possibilidades de classificação da informação a partir de uma perspectiva sociocultural. Nesse caso, o público do ecomuseu pode auxiliar na Representação da Informação.

Numa linha próxima, foram desenvolvidos diferentes estudos tomando os museus como mediadores, a partir da contribuição dos *cultural studies* inaugurados pela escola de Birmingham. Nestes estudos, defende-se a ideia de que, pela ação mediadora dos museus, aqueles que terão sua história apresentada tem o direito de participar dessa representação. (ARAÚJO, 2014, p.81).

Essa maior participação do público pode ocorrer de maneira em que o ecomuseu esteja integrado ao cotidiano das pessoas. Assim, elas podem, por meio de trabalhos participativos, contribuir com a instituição, como no caso do Ecomuseu Mocambeiro, em Minas Gerais, que desenvolve o Inventário Participativo da Instituição. Armond (2012) explica que o inventário participativo é uma ação desenvolvida pelo ecomuseu para uma discussão com a população local, para entender o que eles consideram como patrimônio e paisagem, com o intuito de preservar. Isso se dá por meio do inventário onde a população participa, trazendo aspectos materiais e/ou culturais, naturais e/ou culturais.

Se existe a possibilidade de o público do museu participar da RI, este constituirá parte fundamental da instituição, mostrando que ele pode estar integrado em toda a cadeia operacional das instituições museológicas, independente da sua tipologia. Não mais como espectador, mas como sujeito ativo de um processo de constituição de um museu que, além de preservar e dar visualidade, informe, tornando-o assim uma instituição que aborda a informação democraticamente.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

3.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

Dentro dos aspectos metodológicos, de acordo com Menezes (2009), a pesquisa se caracterizou como básica e de abordagem qualitativa. A pesquisa básica é aquela que gera conhecimentos novos e úteis para o avanço da área. Já a pesquisa qualitativa, de acordo com a mesma autora, se caracteriza por uma relação dinâmica entre o pesquisador e o seu objeto de estudo. Nesse sentido, esta tipologia de investigação é intersubjetiva e sua análise passa a ser descritiva. Quanto aos seus objetivos, a pesquisa foi exploratória com a utilização das metodologias de pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo que contou com observação e entrevistas pautadas na metodologia da história oral, conforme exposto abaixo.

3.1.1 Pesquisa Bibliográfica

Essa metodologia auxiliou na verificação da produção científica para obtenção de informações acerca do tema, principais autores e assuntos correlatos. Esta etapa foi fundamental para o referencial teórico que legitimou a continuidade da pesquisa e direcionou sua parte empírica. Para atingir o primeiro objetivo específico - Identificar, a partir de pesquisa bibliográfica, aproximações teórico-temáticas entre a Ciência da Informação, Museologia e Ecomuseologia – utilizou-se dessa metodologia objetivando fazer uma revisão teórica sobre a temática.

Para a pesquisa bibliográfica foram selecionadas seis (6) bases de dados (EBSCO, Emerald Insight, Science Direct, SCOPUS, LISA e WEB of Science) e uma biblioteca digital (SciELO). Os critérios desta escolha foram: 1) possibilitam importação de resumos para EndNote⁶; 2) são indexadores da maioria das revistas Qualis A1 e A2 da área de Informação e Comunicação; e 3) acesso disponível via VPN⁷ da

⁶ Gerenciador de bibliografias que possibilita a organização dos trabalhos em grupos ou categorias, importando as referências da Web. O EndNote também verifica os artigos duplicados, os quais podem ser excluídos pelo pesquisador.

⁷ VPN ou *Virtual Private Network* (Rede Privada Virtual) é uma rede de infraestrutura pública que pode conectar dois computadores através de uma rede (Internet). Para maiores informações acessar: <<http://setic.ufsc.br/servicos/acesso-a-redeufsc/servico-de-vpn-virtual-private-network/>>

Universidade Federal de Santa Catarina. Além disso, as bases e a biblioteca digital selecionadas agregam a maioria das revistas classificadas como A1 e A2 pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que possuem maior abrangência e fator de impacto na área “Comunicação e Informação”. O Quadro 2 mostra a abrangência da pesquisa bibliográfica em seus locais de busca.

Quadro 2 – Locais de busca

| | |
|--------------------|--------------------|
| BASES DE DADOS | 1. EBSCO |
| | 2. Science Direct |
| | 3. SCOPUS |
| | 4. Emerald Insight |
| | 5. LISA |
| | 6. WEB of Science |
| BIBLIOTECA DIGITAL | 1. SciELO |

Fonte: Elaborado pelo autor, 2018.

As expressões de busca foram criadas a partir da correlação entre as cinco palavras-chave da pesquisa, conforme detalha o Quadro 3.

Quadro 3 – Termos de busca

| | |
|----------|---|
| Chave 1 | “Ciência da Informação” and “Representação da Informação” |
| Chave 2 | “Ciência da Informação” and “Representação da Informação” and “Museologia” |
| Chave 3 | “Ciência da Informação” and “Representação da Informação” and “Ecomuseu” |
| Chave 4 | “Ciência da Informação” and “Representação da Informação” and “Ecomuseologia” |
| Chave 5 | “Ciência da Informação” and “Representação da Informação” and “Museologia” and “Ecomuseu” |
| Chave 6 | “Ciência da Informação” and “Representação da Informação” and “Museologia” and “Ecomuseologia” |
| Chave 7 | “Ciência da Informação” and “Representação da Informação” and “Museologia” and “Ecomuseu” and “Ecomuseologia” |
| Chave 8 | “Ciência da Informação” and “Museologia” |
| Chave 9 | “Ciência da Informação” and “Museologia” and “Ecomuseu” |
| Chave 10 | “Ciência da Informação” and “Museologia” and “Ecomuseologia” |
| Chave 11 | “Ciência da Informação” and “Museologia” and “Ecomuseu” and “Ecomuseologia” |
| Chave 12 | “Ciência da Informação” and “Ecomuseu” |

| | |
|----------|---|
| Chave 13 | “Ciência da Informação” and “Ecomuseologia” |
| Chave 14 | “Ciência da Informação” and “Ecomuseologia” and “Ecomuseu” |
| Chave 15 | “Representação da Informação” and “Museologia” |
| Chave 16 | “Representação da Informação” and “Museologia” and “Ecomuseu” |
| Chave 17 | “Representação da Informação” and “Museologia” and “Ecomuseologia” |
| Chave 18 | “Representação da Informação” and “Museologia” and “Ecomuseologia” and “Ecomuseu” |
| Chave 19 | “Representação da Informação” and “Ecomuseu” |
| Chave 20 | “Representação da Informação” and “Ecomuseologia” |
| Chave 21 | “Representação da Informação” and “Ecomuseu” and “Ecomuseologia” |
| Chave 22 | “Museologia” and “Ecomuseologia” |
| Chave 23 | “Museologia” and “Ecomuseu” |
| Chave 24 | “Museologia” and “Ecomuseologia” and “Ecomuseu” |
| Chave 25 | “Ecomuseologia” and “Ecomuseu” |

Fonte: Elaborado pelo autor, 2018.

Foram definidos também os seguintes filtros nas bases de dados e na biblioteca digital:

1) acesso aberto: escolhido depois que um pré-teste apontou para a existência de artigos que exigiam assinatura da revista, o que não era possível fazer naquele momento;

2) recorte temporal: período entre 01 de janeiro de 2008 a 06 de junho de 2017, resultando em trabalhos que foram publicados nos últimos dez anos.

3) artigos: trabalhos que publicados em revistas científicas da área, excluindo resumos, capítulos de livros, editoriais, entre outros;

4) idiomas: inglês (por ter predominância nas publicações científicas), o espanhol (para abrangência da maioria dos países latino-americanos) e o português (além de ser o idioma oficial da pesquisa, Portugal é um dos países que produz material de excelência na área de Museologia)

5) área de conhecimento: Comunicação e Informação ou Ciências Sociais Aplicadas II

Após esta etapa da pesquisa os artigos recuperados foram organizados no *EndNote*, um software de gerenciamento de artigos onde é possível criar grupos temáticos, excluir trabalhos duplicados, organizar referências bibliográficas, etc. Por fim, ao terminar a seleção de artigos foram recuperados 80 artigos que auxiliaram no desenvolvimento do problema e do referencial teórico da pesquisa.

3.2.2 Pesquisa de campo

Para atingir o segundo e o terceiro objetivos específicos, a coleta de informações teve por base entrevistas e observação. Esta última se deu durante todo o processo de visitas *in loco* com a técnica de diário ou caderno de campo, comumente utilizada pelos antropólogos nos trabalhos de etnografia, conforme apresentam Rocha & Eckert (2008).

Optou-se em fazer a observação participante porque, segundo Lakatos e Marconi (2012), é a forma em que o pesquisador tem contato com seu objeto de estudo, e se integra a determinado grupo para a coleta de informações. A escolha deste tipo de observação ocorreu em função do pesquisador poder observar os visitantes dos Ecomuseus pesquisados, sem interferência no modo como o público interage com as exposições e ações culturais nas instituições.

O trabalho de campo, nos termos abordados por Cruz Neto (2001), possibilitou maior contato entre pesquisador e seu tema a partir de questionamentos que fez o pesquisador ir além de uma simples resposta, sendo possível assim a criação de conhecimento. O trabalho de campo foi feito por meio de entrevistas e observação do pesquisador em relação ao seu objeto de estudo. A observação também aconteceu para que o pesquisador verificasse se os objetos museais são uma fonte de informação para o público, caracterizando-os assim como documentos.

As entrevistas se deram sob a metodologia da História Oral que, de acordo com Alberti (1996) auxilia no modo de entender e interpretar as experiências do passado em suas relações contemporâneas com a memória. O que se entende por passado no caso das instituições pesquisadas é a forma como foi criada a instituição, os motivos que levaram a isso, fazendo referência às atividades que hoje são desenvolvidas e a relação com o público.

Embora a metodologia da história oral tenha um forte vínculo com a área de História, é cada vez mais recorrente em estudos das áreas de Ciências Humanas e Sociais a utilização deste tipo de pesquisa. Especialmente quando se trata de objetos de pesquisa em que as relações intersubjetivas (pesquisador e pesquisados) sejam imprescindíveis para a compreensão dos processos de construção do conhecimento. Afinal, como aclara Alberti (2005, p.18), não se pode mais dizer que a história oral “pertença mais à história do que à antropologia, ou às ciências sociais, nem tampouco que seja uma disciplina particular no conjunto das ciências humanas. Sua especificidade está no próprio fato de se prestar a diversas abordagens, de se mover num terreno multidisciplinar”.

Do ponto de vista metodológico, ainda de acordo com Alberti (2005, p.17) a história oral tem sido utilizada em pesquisas categorizadas como “biografia, tradição oral, memória, linguagem falada, métodos qualitativos, etc. Dependendo da orientação do trabalho, pode ser definida como *método* de investigação científica, como *fonte* de pesquisa, ou ainda como *técnica* de produção e tratamento de depoimentos gravados”. Sendo assim, levando em conta a especificidade das instituições ecomuseológicas, sua proposta diferenciada e vinculação estreita com seu público e sociedade, entendeu-se que uma entrevista nestes moldes traria resultados positivos para esta pesquisa.

A maior parte da bibliografia da área aponta para dois tipos de entrevistas, a entrevista temática e a entrevista de história de vida. De acordo com Karpinski e Montysuma (2009, p.66), “entrevistas temáticas são aquelas que versam prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido, enquanto as de história de vida têm como centro de interesse o próprio indivíduo na história”. No caso desta pesquisa, como o interesse é a instituição e não o responsável, foi utilizada a entrevista temática.

Após definido o tipo de entrevista foi elaborado um roteiro com perguntas simples e objetivas, para que fosse possível a máxima compreensão do entrevistado para a obtenção de respostas relevantes para a pesquisa. As perguntas para o corpo técnico do EDAF e do Ecomuseu do Ribeirão da Ilha partiram de quatro pontos: 1) Criação e contexto de fundação; 2) equipe das instituições; 3) ações desenvolvidas; e 4) relação do ecomuseu com a comunidade. Estes pontos fizeram as perguntas serem mais abertas, com o intuito de obter o máximo de informações possíveis sobre cada ecomuseu.

O ponto número 1 – Criação e contextos de fundação – foi pensado para entender como foi criado o ecomuseu, seu contexto, história e outras características. O ponto seguinte – equipe da instituição – serviu para conhecer os profissionais que atuam no local, buscando identificar quais eram os profissionais que atuavam nas instituições. Já o terceiro ponto – ações desenvolvidas – foi a chave para a coleta de informações nesta pesquisa, afinal, por meio desta pergunta buscou-se descobrir as formas de RI nos ecomuseus. Por último – relação do ecomuseu com a comunidade – buscou-se verificar como o conceito da Ecomuseologia está vinculado às instituições.

As entrevistas foram feitas com três (3) pessoas, sendo Dra. Valda de Oliveira Fagundes do EDAF; Prof. Nereu do Vale Pereira e a museóloga Cristina Maria Dalla Nora do Ecomuseu do Ribeirão da Ilha.

Os entrevistados concordaram com a exposição dos seus nomes e com os demais termos deste tipo de abordagem e autorizaram sua gravação e utilização para esta dissertação e demais trabalhos acadêmicos que dela resultarem. Da mesma forma, o pesquisador se comprometeu em assim o fazer de forma ética e de acordo com os procedimentos técnicos exigidos pela metodologia da História Oral, amplamente debatido em bibliografia específica.⁸

⁸ Sobre a ética neste tipo de metodologia foram imprescindíveis as seguintes obras: Ferreira, M.; Amado, J. (2006); Portelli (1997); Amado (1997); e Pozzi (2014).

4 RESULTADOS

Para esta etapa serão apresentados os resultados a partir das metodologias utilizadas para atingir os objetivos. Dessa forma, irá ser visto como cada um deles foi alcançado e quais resultados foram obtidos.

4.1 DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Dentro do primeiro objetivo específico - Discutir, a partir de pesquisa bibliográfica, a relação entre Ciência da Informação, Museologia e Ecomuseu – verificou-se que há produção científica relacionando as duas grandes áreas do conhecimento deste trabalho, CI e Museologia.

Embora todas as bases e a biblioteca digital obtenham resultados, nem todas as chaves de busca recuperaram artigos. Apenas cinco (5) chaves tiveram resultados, sendo as Chaves 1, 8, 23, 24 e 25, conforme retrata o Quadro 4.

Quadro 4 – Artigos recuperados por chaves de busca

| Número da Chave | Termo de busca | Total de artigos recuperados |
|------------------------|---|-------------------------------------|
| Chave 1 | “Ciência da Informação” and “Representação da Informação” | 36 |
| Chave 8 | “Ciência da Informação” and “Museologia” | 19 |
| Chave 23 | “Museologia” and “Ecomuseu” | 23 |
| Chave 24 | “Museologia” and “Ecomuseologia” and “Ecomuseu” | 1 |
| Chave 25 | “Ecomuseologia” and “Ecomuseu” | 1 |

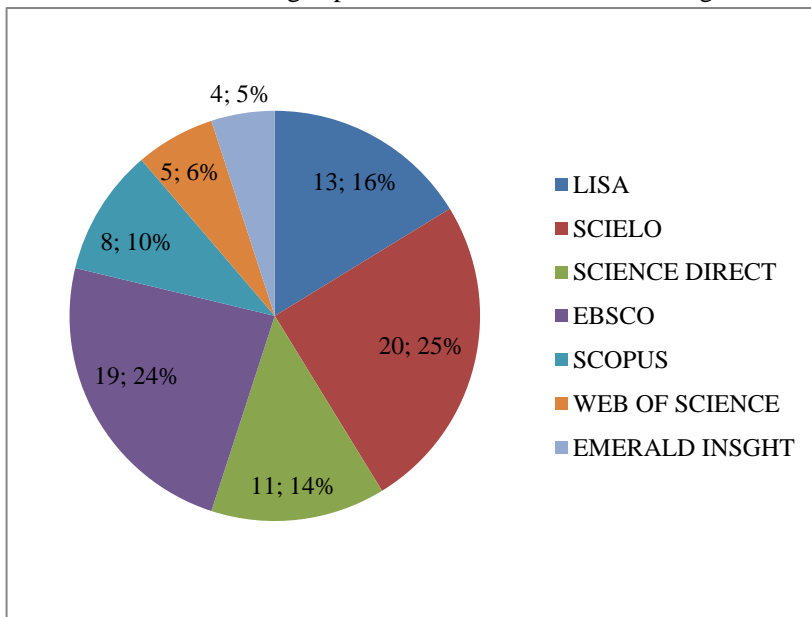
Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Nota-se que as chaves que poderiam auxiliar ainda mais no desenvolvimento da pesquisa, como as que pesquisam RI com ecomuseu ou RI com Museologia, não tiveram retorno, o que reforça a necessidade de pesquisas sobre a temática tanto na CI como na Museologia.

Ao fazer as buscas nas bases de dados e na biblioteca digital foi constatado que a maioria dos trabalhos estão indexados na SciELO, seguidos pela EBSCO e LISA. O gráfico a seguir mostra o total de

artigos por local de busca, com sua respectiva porcentagem no universo dos oitenta (80) artigos recuperados.

Gráfico 1 - Total de Artigos por base de dados e biblioteca digital.



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Após o levantamento e catalogação das fontes, os resumos de cada artigo recuperado foram lidos para averiguar a relevância e contribuição para o desenvolvimento teórico do trabalho. Nesta etapa, foram selecionados seis (6) trabalhos detalhados no Quadro 5.

Quadro 5 – Artigos selecionados por meio da pesquisa bibliográfica.

| Título | Autoria | Ano |
|--|------------------------|------|
| O que é Ciência da Informação | ARAÚJO, C. A. A. | 2014 |
| Re-interpretando os objetos de museu: da classificação ao devir | BRULON, B. | 2016 |
| Museologia-Museu e Patrimônio, Patrimonialização e Musealização: ambiência de comunhão | LIMA, D. F. C. | 2012 |
| Mediação do conhecimento para o acesso | BARROS, C. M; CAFÉ, L. | 2011 |

à informação: reflexão baseada em uma perspectiva sociológica da ciência da informação

M. A.; SILVA, E.L.

A invenção do Ecomuseu: o caso do *Écomusée du Creusot Montceau-Les-Mines* e a prática da Museologia Experimental

BRULON, B.

2015

Repensando o Museu Integral: do conceito às práticas

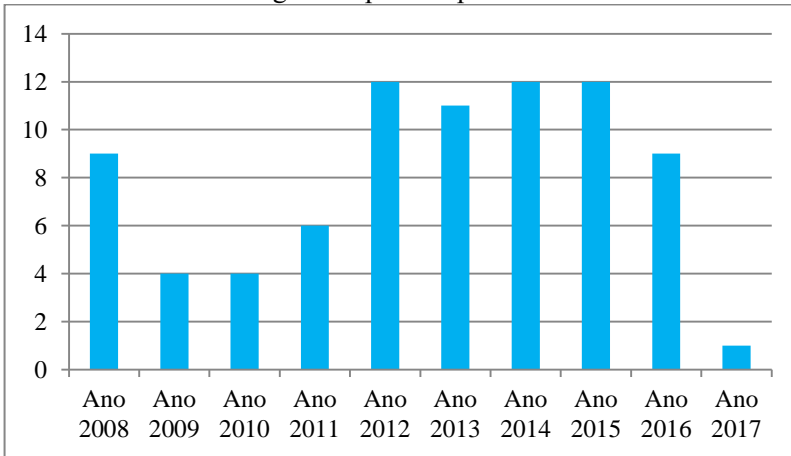
SCHEINER, T.

2012

Fonte: Elaborado pelo autor, 2018.

Os textos selecionados estão voltados, principalmente, à teoria museológica e estão relacionados com o desenvolvimento dos conceitos e contexto histórico dos ecomuseus. Isso pode ser verificado nos textos de Brulon e Scheiner, onde o primeiro autor faz referência a historicidade do primeiro ecomuseu e também sobre as formas como as diferentes tipologias de museus trabalham com o objeto. Scheiner discute o conceito de museu integral e sua contribuição para o entendimento do museu enquanto agente de mudança social. O artigo de Lima está voltado para questões gerais da museologia, como desenvolvimento teórico do campo, conceito de musealização, contextos históricos de desenvolvimento da área e como isto está ligado a área do patrimônio cultural. Já os textos referentes à CI trabalham com pontos específicos da área. Araújo em seu artigo enfatiza questões epistemológicas e de contextos histórico da CI, enquanto Barros, Café e Silva discutem as formas de RI e como a mediação da informação pode auxiliar no processo de OI.

No que se refere à temporalidade da produção analisada, os anos de 2012, 2014 e 2015 tiveram os mesmos números totalizando doze (12) artigos produzidos, seguidos pelo ano de 2013 com onze (11) e 2008 com nove (9). O Gráfico 2 mostra a número total de artigos publicados por ano.

Gráfico 2 – Total de artigos recuperados por ano.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2018.

Mesmo com todos esses resultados foi notada a dificuldade em localizar bibliografia específica para fundamentar o referencial teórico. Portanto, foi necessário selecionar os textos que mais se adequassem na formulação das ideias e na coesão textual. Estas reflexões constam no item 2 deste trabalho, onde foi apresentado o contexto histórico do Ecomuseu enquanto instituição museológica, a relação da Museologia com a CI e como o Ecomuseu pode ser caracterizado como uma UI.

Outro aspecto relevante a destacar é o de que se usou de conceitos e teorias mais abrangentes para posteriormente focar na RI em Ecomuseu. Os conceitos como Ecomuseu, RI, documentação, e outros discutidos no referencial teórico foram estabelecidos em função da leitura dos resumos dos artigos recuperados e das palavras-chave, já citadas anteriormente.

O que foi percebido nos resultados da pesquisa bibliográfica pode ser resumido em três (3) aspectos. O primeiro é de que a produção de trabalhos da CI relacionando com a RI em museus precisa ser ampliada com novas pesquisas, tendo como principal enfoque a documentação museológica e a exposição como meios de Representação da Informação, sendo estes vinculados a pesquisas sobre informação e objeto museal.

Segundo, os trabalhos na área da museologia sobre Ecomuseu, estão voltados principalmente com a área do turismo e desenvolvimento

regional. Dentro da metodologia desenvolvida constatou-se que inexistem trabalhos que relacionem informação e Ecomuseologia.

Terceiro, mesmo com a inexistência de referencial específico foi possível desenvolver teoricamente o trabalho, pois o Ecomuseu foi justificado como uma Unidade de Informação, o que faz dele uma instituição que também coleta, pesquisa, organiza, recupera, dissemina, comunica e dá uso a informação.

4.2 DA PESQUISA PARTICIPANTE

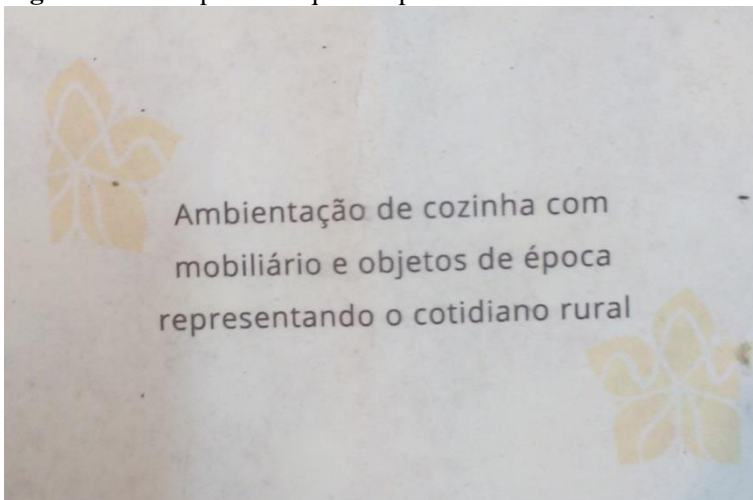
O segundo objetivo específico - Verificar, a partir de pesquisa participante e entrevistas semi-estruturadas, as atividades dos Ecomuseus no que diz respeito à Representação da Informação – trouxe significativos resultados para o trabalho, principalmente voltados para as formas de RI nos Ecomuseus pesquisados.

O que foi notado durante o desenvolvimento da pesquisa é que o processo de documentação museológica não é a única forma de RI presente nas instituições, pelo contrário, ela é uma das formas de representação. No entanto foi verificado que a documentação museológica é ausente no EDAF, enquanto no Ecomuseu do Ribeirão da Ilha, houve um projeto premiado pelo Edital de Estímulo a Cultura Elisabete Anderle (2015), que teve como resultado o desenvolvimento da documentação museológica do acervo.

O que cabe ressaltar neste aspecto técnico dentro das instituições pesquisadas é que, mesmo uma delas tendo ausência de documentação museológica, o processo de RI está vinculado a outras formas, como a exposição, onde a descrição é feita, não por meio de uma ficha de catalogação, mas por etiquetas, textos e até mesmo na construção do percurso expográfico, como exemplificam as Figuras 1 a 3.

Figura 1 – Exemplo de texto na exposição ‘Passarinhando’

Fonte: Hermes Lemos (2018a).

Figura 2 – Exemplo de etiqueta explicativa

Fonte: Hermes Lemos (2018b).

Figura 3 – Objeto exposto com etiqueta explicativa



Fonte: Hermes Lemos (2018c).

Como Rivière (1985) e Varine (1985) afirmam, o ecomuseu é um conceito em constante evolução, e nessa evolução deve ser buscada qual a melhor forma de representar a informação, para que o seu público possa ter acesso e uso. Afinal, a RI, além de ser uma forma de ordenar e recuperar a informação, deve ser também uma metodologia para facilitar o acesso e dar o uso efetivo.

Vale lembrar também que o Ecomuseu, enquanto tipologia de museu, está centrado no patrimônio cultural da comunidade em que está inserido, tanto tangível, pelos objetos dos seus acervos ou pela sua estrutura física, quanto intangível, pelo que a materialidade destes objetos simboliza, tais como as práticas que se constituíram a partir deles, as histórias dos objetos que perduram a partir da memória de moradores. Assim, a RI para a ecomuseologia não está voltada apenas pelas características de descrição dos objetos, mas sim pela relação que estes têm com o seu meio e o público. A RI está vinculada com o processo de comunicação da informação, seu acesso e posterior uso.

Isso já foi verificado no referencial teórico desta dissertação, com Loureiro e Loureiro (2013) e Semedo (2006), quando discutem a questão de ideologia na instituição museológica. Todas as escolhas estão embasadas numa intencionalidade que perpassa pelo discurso narrativo das exposições museológicas, nas políticas de acervo, no plano museológico, enfim, em diversas ações e ferramentas que os museus utilizam para seu funcionamento. Vinculado à questão ideológica estão também as formas de descrição dos objetos tanto pela documentação

museológica, quanto em etiquetas nas exposições, textos, catálogos, entre outros. Portanto, a análise se estende também para mais duas ações observadas em ambos os ecomuseus, a exposição e a mediação, que, diante das constatações da pesquisa de campo, são pontos fundamentais para o desenvolvimento da RI nesta tipologia de museu.

Com relação à mediação podemos constatar no trabalho de Barros, Café e Silva (2011) que o assunto quando referido à CI ainda é complexo, visto que este é estudado como uma forma de comunicação da informação dos documentos. Para contribuir com este debate, as autoras estabelecem a representação em primeiro e segundo nível. O primeiro está vinculado a escrita onde alguém quer comunicar seu conhecimento, já o segundo é quando o que foi escrito se torna um documento e é necessário fazer sua descrição para poder organizar a informação.

Ao constatar isso, as autoras ainda afirmam que é necessário aproximar as formas de representação com a cognição e o meio social e cultural das pessoas, para que a mediação seja realizada. No entanto, pode ser notado que a mediação como forma de RI pode acontecer, pois mesmo sem um suporte material, tanto mediador quando público sistematiza e organiza cognitivamente a informação, transformando-a em conhecimento.

Sendo assim, passa-se a apresentar o conteúdo advindo da pesquisa participante nas duas instituições selecionadas, considerando a exposição e a mediação como formas de RI presente nos ecomuseus. Primeiramente, descreve-se as verificações de cada instituição para, posteriormente, expor a parte analítico-comparativa. Será descrito a experiência de observação participante do Ecomuseu do Ribeirão da Ilha, seguido pelo Ecomuseu Dr. Agobar Fagundes.

4.2.1 O Ecomuseu Ribeirão da Ilha

O Ribeirão da Ilha, hoje distrito da municipalidade de Florianópolis, tem sua origem ainda no século XVIII, quando a ilha de Santa Catarina começou a ser colonizada por açorianos. Juntamente com outros povoados que se estabeleceram na ilha, o Ribeirão da Ilha foi fundamental para a produção de alimentos para a Capitania e sustento das tropas portuguesas (LUZ, 1999).

Ainda segundo Luz (1999) com o passar do tempo e o aumento da população local, o vilarejo ao sul da ilha de Santa Catarina, foi elevada a freguesia no ano de 1809, sendo denominada de Freguesia de

Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão da Ilha com seus limites estabelecidos em 1811. Após isso, no ano de 1843 o Ribeirão da Ilha foi considerado distrito, pois, conforme o Código de Processo Criminal da época, já havia número de casas, quarteirões e pessoas para que isso ocorresse. Assim, grande parte do sul da ilha de Santa Catarina estava nos limites distritais do Ribeirão da Ilha, quando no ano de 1962 foi criado o distrito de Pântano do Sul ficando com grande parte da porção leste do Ribeirão.

O processo de criação do Ecomuseu do Ribeirão da Ilha remonta os anos da década de 1970, sendo de iniciativa do Prof. Nereu do Vale Pereira e do Departamento de Sociologia da UFSC.

Figura 4. Montagem a partir dos principais espaços do Ecomuseu do Ribeirão da Ilha



Fonte: Ecomuseu Ribeirão da Ilha (s.d)

Nos seus primeiros anos o ecomuseu era chamado de Museu Etnológico do Ribeirão de Ilha, sendo mantido pela Sociedade dos Amigos Pró-desenvolvimento do Ribeirão da Ilha (SAPDRI), tendo como órgão de auxílio a Prefeitura Municipal de Florianópolis. Hoje, o ecomuseu está vinculado a Associação Ecomuseu do Ribeirão da Ilha, fundada em 2007 também por iniciativa Prof. Nereu do Vale Pereira.

O Ecomuseu do Ribeirão da Ilha possui três módulos sendo o auditório, casa açoriana e o engenho. O auditório é o local onde os visitantes são recepcionados e introduzidos àquela instituição. A casa açoriana é um espaço expositivo com objetos que representam a história e o modo de vida dos primeiros colonizadores da ilha da Santa Catarina. O engenho representa os modos de produção de farinha de mandioca e açúcar dos antigos engenhos da ilha de Santa Catarina.

O diretor e idealizador do ecomuseu é o Prof. Nereu do Vale Pereira, professor aposentado da UFSC. Trabalha junto com Prof. Nereu, sua neta e museóloga Cristina Dalla Nora, a qual é responsável pelas mediações, recepções e trabalhos técnicos. O objetivo da instituição é promover a memória da cultura açoriana, por meio da

preservação do patrimônio cultural de base açoriana no Estado de Santa Catarina. Tendo como público central alunos do ensino fundamental e médio, o Ecomuseu do Ribeirão da Ilha, até o momento, teve um total de sessenta mil visitantes.

Durante a visita ao Ecomuseu do Ribeirão da Ilha foram identificados três momentos específicos: 1) introdução à temática do ecomuseu no auditório da instituição pela museóloga responsável; 2) visita à casa histórica; e 3) visita ao engenho de farinha.

Durante o momento de introdução, o público recebe informações sobre a história da colonização da Ilha de Santa Catarina, de acordo com uma cronologia histórica. Depois, são contextualizadas a criação e a fundação do ecomuseu, desde a concepção da criação de um museu na Freguesia do Ribeirão da Ilha na década de 1970, até os dias atuais como Ecomuseu do Ribeirão da Ilha.

Posteriormente, por meio de uma televisão, são apresentadas imagens de mapas históricos sobre a passagem dos primeiros europeus pela ilha, enfatizando o século XVIII quando houve a intensificação da imigração açoriana no Brasil. Destaca-se também a trajetória destes colonizadores, sua saída do Arquipélago dos Açores e chegada ao litoral brasileiro. Nesta parte da mediação, a museóloga mostra a bandeira da Região Autónoma dos Açores (Figura 5) e explica o significado, das cores, do pássaro, das estrelas e do brasão português.

Figura 5. Bandeira dos Açores



Fonte: Azores (1979)

Em seguida, a profissional historia o surgimento da freguesia do Ribeirão da Ilha no ano de 1750 como um local de relevante importância histórica e cultural para a formação e povoamento da Ilha de Santa Catarina. Juntamente com a explicação da formação da freguesia, apresenta-se parte da cultura de base açoriana, hoje encontrada praticamente em todo o litoral catarinense. Nesse sentido, a perspectiva histórica adotada pelo Ecomuseu Ribeirão da Ilha soma-se à de outras instituições catarinenses que visam a valorização desta etnia como, por exemplo, o Núcleo de Estudos Açorianos da Universidade Federal de Santa Catarina. (UFSC/NEA, [1984]). Nessa óptica, se enaltece a influência dos povos açorianos na formação cultural do Estado de Santa Catarina, com destaque às festas (como as celebrações da Festa do Divino Espírito Santo), o artesanato (como a renda de bilro), as olarias e o folclore (como o pão-por-Deus e o boi-de-mamão). Por fim, se explica a criação histórica da Ilha de Desterro no ano de 1823 e a mudança de seu nome em 1894, passando a se chamar Florianópolis.

Durante a primeira parte da visita, o público interage com a mediadora, que geralmente é a museóloga, fazendo perguntas ou até mesmo contribuindo com outras informações que já sabem, reafirmando, muitas vezes, a informação transmitida. A segunda parte da visita é na casa histórica datada de 1921 (Figura 6). Nessa parte, a mediadora apresenta a casa, seu contexto de criação, suas características arquitetônicas, como a localização das janelas, dos quartos, da cozinha, da entrada, etc.

Figura 6 – Casa em estilo Açoriano

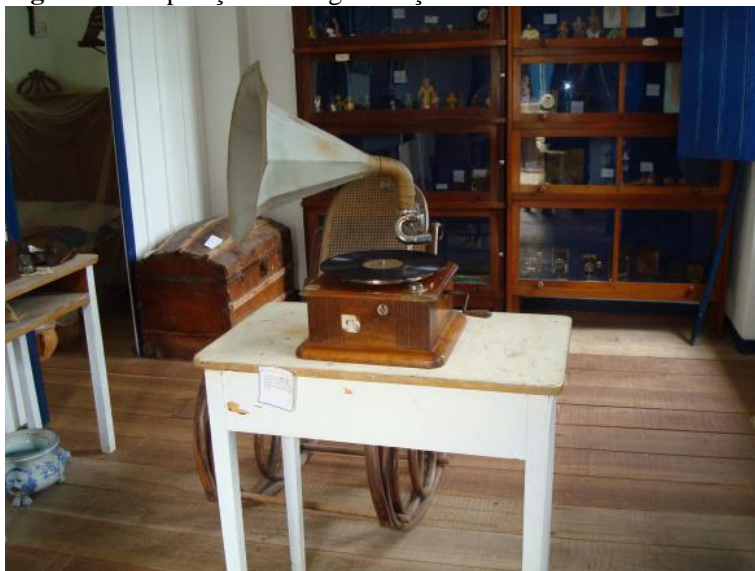


Fonte: Ecomuseu do Ribeirão da Ilha, (2011a)

É neste espaço que está exposta uma parte do acervo do ecomuseu, principalmente os objetos ligados ao modo de vida dos colonos açorianos. Há camas, armários, altares, utensílios de uso cotidiano como colheres, panelas, ferros de passar, até mesmo objetos decorativos, como esculturas e miniaturas que fazem parte da exposição de longa duração⁹. Durante a visita, a mediadora aciona um antigo gramofone (Figura 7), que era utilizado como forma de lazer no início e meados do século XX. Alguns visitantes acham interessante e perguntam se podem acioná-lo também, o que faz a experiência, segundo eles, ser melhor, pois conseguem “sentir” o que aquele objeto era.

⁹ Conforme Cury (2006) discute em sua obra as exposições museológicas podem ser classificadas conforme sua temporalidade, estas sendo de longa duração (permanentes), curta duração ou itinerante.

Figura 7 – Exposição de longa duração: Gramofone



Fonte: Ecomuseu do Ribeirão da Ilha (2011b)

A última etapa da visita é no engenho de farinha de mandioca, onde a mediadora demonstra como era o funcionamento dos antigos engenhos. Neste espaço estão expostas ferramentas que auxiliavam não somente no engenho, mas no trabalho com a agricultura, como, por exemplo, carroças, enxadas, pás, e outros objetos que representam a ruralidade de uma época passada. O engenho de farinha pode ser acionado pelos visitantes, da mesma forma que o gramofone no segundo espaço, o que, para alguns, é a melhor parte da exposição, pois ver a forma de funcionamento é algo novo e diferente porque, diante da industrialização hodierna, este tipo de instrumentalização não ocorre mais.

Figura 8 – Engenho de farinha de mandioca

Fonte: Ecomuseu do Ribeirão da Ilha (2011c)

Enfim, todo o processo de visitação do ecomuseu é feito por mediação, a qual se torna parte fundamental na comunicação da informação, seja dos objetos musealizados ou do contexto em que eles se encontram. Da mesma forma foi observado que nos espaços expositivos (casa e engenho) os objetos possuem etiquetas informativas que auxiliam na comunicação, com mais informações àqueles que se interessarem por algum, em particular.

Referenciando o que já foi dito anteriormente a respeito da documentação museológica, neste ecomuseu é visto que os objetos possuem marcação, que é feita para controle e recuperação da informação daquele item. Cada objeto recebe um número específico para que não seja confundido com outro semelhante, o que o torna único dentro do acervo. No entanto, é nítido que muitos dos objetos expostos estão lá antes da documentação museológica ser feita pela instituição, o que reforça que a RI pode ser feita por outros processos museológicos (além da documentação museológica) neste caso no processo de criação da exposição.

Embora a exposição seja uma forma de representar a informação, existe certa carência na mediação como forma de acesso à informação. Durante as visitas percebeu-se que os objetos que não possuíam etiqueta

ou que não faziam parte da apresentação da mediadora, ficavam às margens das discussões e até mesmo dos olhares. Raras foram às vezes em que os visitantes se ativeram e supriram sua necessidade de informação sobre o objeto em questão. Assim, pode-se afirmar que a exposição como uma forma de RI, neste caso específico, precisa de um mediador para que o público tenha acesso à informação.

4.2.2 Ecomuseu Dr. Agobar Fagundes (EDAF) – Blumenau/SC

O EDAF foi criado em 2007 na casa de campo da família do Dr. Agobar Fagundes, em Blumenau-SC, médico que participava de movimentos para a conservação e preservação da natureza da região onde se encontra a instituição. O EDAF está localizado numa comunidade rural da Nova Rússia, distrito de Blumenau/SC. Este ecomuseu possui um espaço expositivo, trilhas ecológicas, uma biblioteca e, atualmente, está em fase de construção um auditório para realização de eventos e recepção dos visitantes. É importante frisar que este ecomuseu é uma das únicas instituições de sua tipologia no Estado de Santa Catarina e que está cadastrado no ICOM.

O EDAF tem como diretora a Profa. Dra. Valda de Oliveira Fagundes que foi quem o idealizou como uma forma de preservar a memória e história de seu marido que, por um infeliz acidente, veio a falecer prematuramente. Entre as atividades deste ecomuseu, estão a promoção de visitas e a organização de cursos voltados à Ecologia, como, por exemplo, o curso iniciante de observação de pássaros, realizado em maio de 2017. Juntamente com grupos de escoteiros da região de Blumenau, o ecomuseu desenvolve também parcerias para a educação ambiental das crianças e jovens que participam do escoteirismo, os quais utilizam do espaço do EDAF para a realização de acampamentos.

Devido à instabilidade climática nos dias das visitas, a pesquisa se ateve apenas ao espaço expositivo do ecomuseu que está localizado na antiga casa de campo da família Fagundes. Conforme relato da Dra. Valda de Oliveira Fagundes, este era o local de convívio nos finais de semana dela, do seu marido e de seus filhos. O acervo inicial foi composto por uma coleção de objetos que o casal já possuía e que foi recolhida em vários momentos de suas vidas iniciando, assim, a trajetória do EDAF.

Figura 9 – Entrada do espaço expositivo



Fonte: Tríscele (2017a)

Dentro do espaço expositivo existem cinco (5) módulos: 1) introdução; 2) história indígena da região; 3) colonização europeia; 4) EDAF; e 5) memorial Dr. Agobar Fagundes. A exposição de longa duração tem o nome de ‘Novas Fronteiras entre Museu, Territórios e Culturas’ e narra, a partir do desenvolvimento das sociedades humanas, a trajetória daquele território.

O módulo introdutório faz referência ao que o visitante irá encontrar na exposição e no EDAF. Busca esclarecer qual a necessidade de abrir a discussão sobre patrimônio (natural e cultural) e território. O módulo dois é retratado por meio de fotografias, textos e alguns objetos dos primeiros habitantes da região, a população indígena. Esta parte da exposição pretende fazer referência ao modo de vida indígena, antes da chegada dos colonizadores europeus.

Seguindo, no módulo três há uma exposição dedicada ao período de colonização de Blumenau, principalmente pelos alemães. Este espaço conta com uma ambientação a partir da representação da cozinha de uma casa no interior, tendo como objetos expostos o fogão à lenha, colheres de madeira, tachos, manteigueira, mesa, cadeiras, máquina de costura, moedor, bules, ferro de passar à brasa, máquina de lavar, entre outros. Também é contextualizada a sala de estar tendo objetos como cantoneiras, imagens religiosas, cadeiras, mesa, lareira, castiçais, vaso de flor.

Figura 10 – Módulo expositivo: Cozinha



Fonte: Tríscele (2017b)

Já o módulo quatro retrata a história do EDAF, informando ao visitante sobre a casa de campo, as atividades que o ecomuseu desenvolveu, as que desenvolve, dando abertura para o memorial Dr. Agobar Fagundes (Figura 11) que, de forma resumida, mostra a vida do Dr. Agobar, tanto no âmbito pessoal quanto profissional. Nesta parte é exposta uma cópia do diploma de medicina, estetoscópio, maleta de trabalho, fotografias de momentos da sua vida, mostrando suas relações familiares e com a cidade de Blumenau.

Figura 11 – Memorial Agobar Fagundes



Fonte: Tríscele (2017c)

Além da exposição de longa duração, o EDAF conta com alguns painéis na varanda da antiga casa, que mostram pesquisas que a instituição realizou e resultou na apresentação destas em eventos sobre assuntos ambientais, de Ecomuseologia, sobre patrimônio cultural e natural. Durante esses anos, o EDAF realizou projetos de pesquisa em parceria com outras instituições, como a Universidade Regional de Blumenau (FURB). Podem ser destacados como projetos do EDAF: 1) Projeto Levantamento da Mastofauna no território; 2) Projeto Levantamento da Flora no território do EDAF; 3) As múltiplas faces do saber fazer rural, em territórios musealizados: Uma experiência de "Bem Viver"; 4) Conceito de "Bem Viver" e Ecomuseologia: Entre o desenvolvimento e a Descolonialidade do poder; e 5) Turismo de Experiência e a Interpretação em Museu.

O que se percebe na exposição é a existência de uma forte ligação entre a parte exterior e interior da instituição. Uma conexão indissociável entre a natureza, os objetos e o que se quer representar como patrimônio natural e cultural.

Karpinski (2016) discute a constituição do patrimônio natural da UNESCO, mostrando a preponderância de um viés eurocêntrico na definição do conceito de natureza que, desde a época moderna, desconsidera a relação humana com os espaços naturais. Exemplo disso foi a criação de parques naturais, onde a vida humana deixa de ser parte integrante da natureza, passando a ser um sujeito externo e observante. De certa forma, isso está relacionado ao EDAF, por estar inserido no Parque Nacional da Serra do Itajaí¹⁰, desenvolvendo pesquisas relativas a este espaço, como o levantamento da mastofauna e a observação de pássaros.

Outro ponto a ser observado sobre o que Karpinski (2016) aborda em seu trabalho é o que propõem teóricos como Edgard Morin, Eriquer Leff e Leonardo Boff, para quem as pessoas são parte integrante do meio ambiente, devendo preservar também o espaço onde vivem. Juntamente com isso, Karpinski ainda aponta para a possibilidade de existência de parques nacionais que preservem também a presença dos seres humanos. Neste caso, a comunidade da Nova Rússia pode ser um

¹⁰ O Parque Nacional da Serra do Itajaí é uma Unidade de Conservação da Natureza (UC), tendo como decreto de criação Dec s/nº de 04 de junho de 2004 / Dec s/nº de 20 de fevereiro de 2006. Para maiores informações acessar: <<http://www.icmbio.gov.br/portal/unidadesdeconservacao/biomas-brasileiros/mata-atlantica/unidades-de-conservacao-mata-atlantica/2194-parna-da-serra-do-itajai>>

exemplo, pois é parte integrante do Parque Nacional da Serra do Itajaí, onde está localizado o EDAF.

Assim, o entendimento de patrimônio passa a considerar a totalidade em que está pertencido, onde o acervo foi constituído para dar a compreensão de que todo o seu conteúdo faz referência ao meio em que ele está inserido. Essa constatação se confirma durante a entrevista com a Dra. Valda de Oliveira Fagundes, pois, de acordo com ela, é isso que o EDAF pretende fazer com seus visitantes, por meio das sensações também estar transmitindo conhecimento e informação.

Constatou-se durante a pesquisa *in loco* que o EDAF não possui documentação museológica dos seus objetos museais. No entanto, seu acervo está ordenado de acordo com uma narrativa expográfica, existindo um contexto e uma relação entre todos os objetos que compõem a exposição. A forma como estão ambientados faz o visitante receber as informações de uma maneira informal, mas não por isso menos efetiva.

4.2.3 Análises a partir da pesquisa participante nos dois estudos de caso

Os dados da pesquisa participante nas duas instituições mostraram duas formas de RI nos ecomuseus: 1) documentação museológica; e 2) exposição.

A documentação museológica é a forma mais convencional de RI, pois ela visa a descrição do maior número possível de características informacionais dos objetos museais. No entanto, um sistema de documentação museológica pode ser entendido como um processo tecnicista e de acesso a poucas pessoas, afinal, sua forma de acesso muitas vezes são apenas para pesquisadores da área ou para a equipe técnica do museu.

Em contrapartida a exposição, além de ser uma forma de comunicação da informação, também pode ser uma forma de RI, pois ela conta com uma ordenação, uma sistematização e com a descrição dos objetos. Isso pode ser visto com o desenvolvimento de etiquetas informativas, de textos e até mesmo da criação de ambientações.

Também foi verificado que a documentação museológica é a forma mais eficaz na preservação e recuperação de informações dos objetos e que ela auxilia no desenvolvimento das demais ações das instituições museológicas. Sendo assim, uma exposição pode ter o auxílio da documentação museológica para a construção do discurso expográfico. A inter-relação entre ambas seria fundamental para uma

forma efetiva de acesso e uso de informação pelo público. Embora isso não ocorra em uma das instituições pesquisadas, a ausência de um processo não diminui o outro, pelo contrário, foi percebido que a exposição, além de ser a forma mais convencional de comunicação dentro dos museus, também é uma forma de RI.

Dentro dos aspectos teóricos pode ser observado que os paradigmas da informação trazidos por Capurro (2003) se confirmam nas instituições pesquisadas. O paradigma físico pelas formas de RI (documentação museológica e exposição); o paradigma cognitivo por meio de como o público tem acesso às informações (mediação e narrativa expositiva); e o paradigma social na interação entre informação, público, profissional, objetos e instituição.

4.3 DAS ENTREVISTAS COM OS RESPONSÁVEIS PELOS ECOMUSEUS

Com relação às entrevistas e os resultados que elas propiciaram, primeiramente serão apresentadas de forma individual. Primeiro com a Dra. Valda de Oliveira Fagundes, responsável pelo EDAF, seguida pelas entrevistas de Cristina Dalla Nora e do Prof. Nereu do Vale Pereira, responsáveis pelo Ecomuseu do Ribeirão da Ilha.

4.3.1 A entrevista com a responsável pelo EDAF

A história de vida de Dra. Valda está relacionada, desde sua infância, com o mundo dos museus, galerias e antiquários. Conforme disse, desde pequena colecionava objetos de família iniciando com xícaras e bules. Quando se mudou para Santa Catarina, em função de seu casamento com o Dr. Agobar Fagundes, trouxe sua coleção que foi aumentando juntamente com a coleção pessoal de seu esposo. Ambos começaram a receber objetos e formaram a coleção que hoje pertence ao EDAF.

Dra. Valda relatou que seu esposo sofreu um acidente e faleceu em 2001 aos 58 anos de idade. Assim ela passou a ter todo o terreno que hoje é o Ecomuseu em suas mãos, o que a fez criar a instituição em 2007 e dar um destino a todos os objetos que ambos colecionavam. Ela comentou que o EDAF ao mesmo tempo é uma “flor e uma dor”.

Sobre a Ecomuseologia, a entrevistada afirmou que não existe uma definição para o campo, tendo seus pressupostos teóricos em constante construção e que, por isso, esta área é um tanto desafiadora.

Ao passo em que a instituição foi se desenvolvendo ela buscou diferentes formas de capacitação. Atualmente faz pós-doutorado em Ecosocioeconomia, pela Universidade Positivo de Curitiba/PR. Ela pontuou que as capacitações na área são importantes e que a exposição e a instituição são ocasiões oportunas de aprendizagens para diferentes investigadores, desde a arquitetura até pessoas que não têm uma formação sistemática. Para ela, o Ecomuseu demanda não só o conhecimento acadêmico, mas o conhecimento popular também.

Em determinado momento da entrevista ela expôs que em função do EDAF estar numa zona rural, o acesso à instituição muitas vezes é agravado em função das enchentes recorrentes em Blumenau-SC desde o ano de 2008. Assim, impossibilita muitas vezes as visitas que são agendadas.

Ao explicar as atividades relacionadas à exposição existente no EDAF, Dra. Valda disse que tais objetos fazem parte do cotidiano de homens e mulheres do campo, em geral dos residentes no interior de Blumenau. São instrumentos de trabalho, muitos deles fabricados especificamente para as necessidades desta população e sua cultura de trabalho que apresenta características de seu local de origem (Europa) adaptadas à realidade do meio ambiente em que se inseriram no processo de colonização.

Nesse sentido, segundo a entrevistada, é comum que alguns visitantes desconheçam os objetos, por isso foram confeccionadas fichas que são complementadas por meio da mediação. Já os visitantes que viveram este contexto ou que visitaram os parentes do interior se encantam porque, de acordo com ela, estes objetos acionam aspectos de sua memória afetiva. Segundo Dra. Valda, no ecomuseu a exposição não informa somente pelo acervo interno, pois se considera acervo também o seu entorno, a parte externa e os significados também do meio ambiente. A exposição nem sempre é permanente, pois em alguns casos é modificada.

Ao falar sobre ecomuseu e ecomuseologia, no sentido de deixar as informações mais claras, para que a visita seja mais produtiva, existe uma batalha constante do ecomuseu, e que a ecomuseologia e a museologia social são áreas em construção, onde, segundo Dra. Valda, entende-se muito da Ecomuseologia pela museologia tradicional. Essa fala da criadora e diretora do EDAF reafirma o que foi discutido no referencial teórico por Davis, Riviere, De Varine, Scheiner e Brulon. Ao explicitar isso, Dra. Valda se refere que o ecomuseu ainda utiliza dos processos da museologia, como a exposição, mas tem seu foco na relação com o território e com o patrimônio.

Quando perguntada sobre os profissionais que atuam no EDAF, Dra. Valda respondeu que é oportunizado a diferentes profissionais trabalhar na instituição por projetos ou por pesquisas. Segundo ela, a maioria das ações do EDAF surgem deste tipo de parceria, como por exemplo, um projeto desenvolvido com a escola rural da localidade, onde os alunos vão ao EDAF, participam da exposição e de atividades externas e das trilhas. Segundo a entrevistada, a percepção da criança sobre seu entorno começa a ser aprofundada, principalmente quanto ao seu patrimônio cultural e natural, fazendo com que conheçam melhor o meio onde vivem.

Ainda sobre a presença de outros profissionais, Dra. Valda afirmou que é algo rotineiro no ecomuseu, onde é disponibilizado o espaço para aprendizagem de questões práticas sobre a natureza, meio ambiente e assuntos correlatos. Juntamente com esses projetos ela pontuou a importante atuação do EDAF com grupos de escoteiros na realização de diferentes ações, desde acampamentos, até aulas e passeios nas trilhas. Além disso, a instituição busca vincular-se ao turismo da região de Nova Rússia.

Como visto acima, dentro da própria conceituação teórica sobre o Ecomuseu, uma das questões fundamentais para o seu desenvolvimento é a relação que a instituição mantém com a comunidade local. Quando questionada sobre isto, Dra. Valda comentou que é uma relação difícil, pois há 25 anos aquela era uma comunidade rural e hoje as pessoas querem morar na cidade. Segundo ela, existe grande evasão por venda de terras a pessoas que buscam uma casa de campo somente para o descanso nos finais de semana. Um dos pontos destacados é que existe um desconforto presente na comunidade em relação à criação do Parque Nacional da Serra do Itajaí, que aconteceu no ano de 2006, pois uns eram a favor e outros eram contra.

Esse desconforto existente é motivado por algumas pessoas serem a favor da caça e exploração da área de proteção ambiental, e outras contra. Numa tentativa de aproximar a comunidade de seus trabalhos, o EDAF realizou pesquisas com a flora e fauna e também com relação a caça enquanto elemento cultural da formação daquele local.

De certa forma, a intenção do EDAF era proporcionar a comunidade local um espaço para trocas e debates de ideias, o que não ocorreu devido a existir esse desconforto apontado por Dra. Valda. Em contrapartida, ela declarou que o EDAF recebe visitação de público de outras localidades, como por exemplo, os bairros Garcia e Progresso da cidade de Blumenau/SC, além dos grupos de escoteirismo de Blumenau e região.

Ao finalizar a entrevista ela salientou que a busca de capacitação por sua parte está vinculada ao fato de informar o visitante. Explicou também que conhecer aquilo que se propõe fazer é fundamental para o processo da informação, e que trabalhar com a informação é complicado.

Com relação à afirmação de ser difícil trabalhar com informação pode ser destacado quatro pontos. O primeiro de que trabalhar com informação é complicado devido a existir uma subjetividade na forma como cada pessoa adquire as informações que o EDAF dissemina. Segundo, em função da subjetividade cada pessoa é diferente e de forma particular e individual processa a informação para transformá-la em conhecimento. Terceiro, ao processar a informação o indivíduo também poderá transferi-la, o que pode acontecer de diversas formas, e não necessariamente conforme estabelecido pela instituição. Isso pode acarretar no não entendimento da informação passada. Por fim, isso leva a melhor ou pior compreensão da informação, podendo esta ser entendida na sua totalidade ou em partes.

4.3.2 A entrevista com os responsáveis pelo Ecomuseu do Ribeirão da Ilha

A primeira entrevista do Ecomuseu do Ribeirão da Ilha foi concedida por Cristina Maria Dalla Nora, museóloga e neta do fundador da instituição.

A museóloga comentou que a sua relação com o ecomuseu vem desde a infância, principalmente pelo ecomuseu estar no espaço onde era a casa de praia da família. Aos oito anos ela já apresentava as peças o que a motivou na vida adulta ser museóloga. Ela relatou que em 1992 o museu passou a ser denominado Ecomuseu do Ribeirão da Ilha e que era gerido pela extinta fundação Açorianista, sendo que, em 2007, passou a ser da Associação pró Ribeirão da Ilha. Segundo Cristina, no início sempre foram pessoas da comunidade que estavam a frente do museu e quem mantinha o ecomuseu era a prefeitura, como uma contrapartida.

Ao ser questionada sobre a equipe que compõe o ecomuseu, a entrevistada comentou que é formada por duas pessoas, ela e seu avô, e que em função disto as visitas devem ser agendadas. Com relação às ações que o ecomuseu desenvolve, ela afirmou que é necessária a mediação, pois a exposição não fala por si só e que as ações dependem da demanda de visitantes do museu. Disse ainda que a documentação museológica foi feita em função da premiação pelo edital Elisabete

Anderle¹¹ no ano de 2015, e que para o ano de 2017 foi inscrito um projeto para o desenvolvimento do plano museológico.

Ao falar sobre a questão da relação com a comunidade foi dito que no momento não existe projeto que trabalhe direto com isto, pois há pouco tempo é que as escolas da comunidade começaram a estreitar laços com o ecomuseu. Um agravante neste processo de inserção do ecomuseu à comunidade é a falta de transporte dos escolares, o que poderia ser viabilizado, segundo Cristina, pela prefeitura municipal de Florianópolis e pelas empresas de transporte público, uma vez que 90% das visitas são de alunos da região.

Para Cristina, só não há mais visitação em função de não ter funcionário todos os dias, pois as visitas são agendadas. Mesmo assim, segundo a entrevistada, pode se dizer que o número de visitação é expressivo, principalmente ao levar em conta a localização do ecomuseu ser distante do centro da cidade, onde se concentram a maior parte das instituições museológicas.

A entrevista com o Prof. Nereu do Vale Pereira foi realizada depois da entrevista com Cristina. Segundo o Prof. Nereu a ideia de se construir um museu começou na década de 1960 com diversos departamentos da UFSC. De acordo com o entrevistado, com o passar do tempo, o poder público buscou desenvolver o setor turístico no interior da cidade de Florianópolis, o que poderia ser um impulsor para o desenvolvimento econômico do Ribeirão da Ilha. Segundo o Prof. Nereu, isso se tornou realidade, pois o Ribeirão estava com sua economia local baixa e com muita evasão do bairro, sendo que as pessoas estavam indo ao centro para morar e trabalhar.

Historiando esse processo, o Prof. Nereu contou sobre a criação da Sociedade de Amigos pró Ribeirão da Ilha, cujos integrantes queriam transformar o Ribeirão num ponto de destaque como turismo cultural, inclusive retomando algumas atividades como o boi de mamão, pau de fita, festas folclóricas e gastronômicas. Foi neste contexto que emergiu a

¹¹ O Edital Elisabete Anderle de Apoio as Artes e a Cultura é um prêmio catarinense, estabelecido pela Lei 15.503/11 e regulamentado pelo Decreto 2.336/14, que tem por objetivo apoiar iniciativas artísticas e culturais de instituições, grupos ou pessoas. Ele possui onze categorias de premiação sendo: culturas populares; arte e cultura negra e indígena; artes visuais; dança; literatura; música; patrimônio material e imaterial; museus; teatro e circo; apoio a eventos artísticos e culturais; e bolsa de trabalho, intercâmbio e residência. Para maiores informações acessar: <<http://www.fcc.sc.gov.br/editalelisabeteanderle/>>

ideia de criar um museu que, de início, não se sabia se seria um museu do folclore ou do Ribeirão da Ilha. De acordo com o entrevistado, na época a comunidade optou por ser museu do Ribeirão, pois queriam sua representatividade. Assim, ainda de acordo com o Prof. Nereu, o registro do museu se deu como “Museu Etnológico do Ribeirão da Ilha” em 1971.

Em 1979 o Prof. Nereu foi a Portugal e visitou o Ecomuseu do Seixal. Em sua visita ele constatou que o ecomuseu se denominava assim, pois usava o ecossistema ao seu favor. Segundo a explicação do Prof. Nereu, existe mais de uma tipologia de ecomuseu e defendeu que o Ecomuseu do Ribeirão foi o primeiro do Brasil ao estar ligado ao ecossistema natural ou à comunidade.

Sobre a relação com a comunidade, o entrevistado relatou ser um tanto desagradável e que este foi um dos motivos que fez com que a associação (SADPRI) se desintegrasse. Segundo ele, houve um retraimento dos moradores tradicionais da comunidade e hoje já há uma retomada em ações pontuais com as escolas da região. Ele explicou que as exposições do ecomuseu são sempre permanentes, não havendo uma dinâmica ou projetos de exposições. Isso pode ser explicado por dois fatores, primeiro, o ecomuseu possui duas pessoas no corpo técnico (Prof. Nereu e Cristina) e que os mesmos possuem outros afazeres durante a semana, o que impossibilita estar realizando novas exposições na instituição; e, segundo, por não haver outros espaços para que seja possível a montagem de novas exposições.

Compartilhando do mesmo pensamento de sua neta, o Prof. Nereu explicou que o Ribeirão está distante da área de interesse do poder público no tocante aos museus, e que a dificuldade de locomoção em função do trânsito dificulta a chegada de mais visitantes.

4.3.3 Análises a partir das entrevistas com os responsáveis pelos dois ecomuseus

Após o relato sintetizado das entrevistas foram verificados os seguintes pontos em comum em ambas as instituições, sendo a forma como foram criadas e a relação pessoal com o corpo técnico, a relação com os processos de informação dos objetos e sua relação com a comunidade.

A forma como se originaram os ecomuseu pesquisados está diretamente vinculada a vida pessoal dos entrevistados, onde no EDAF foi uma forma de Valda homenagear seu esposo e dar um destino a casa de campo e à coleção pessoal de objetos antigos; e o Ecomuseu do

Ribeirão da Ilha com prof. Nereu, onde existia a preocupação em desenvolver economicamente a região.

A relação com os objetos e a informação é constante por meio da mediação e contextualização territorial e ambiental. Esta constatação reforça o entendimento de que a documentação museológica e a exposição são formas de RI, sendo que a última necessita de mediação para que o público tenha acesso a informação.

Por fim, o que mais chama a atenção é que nenhuma das instituições tem a comunidade local como participante ativa do desenvolvimento de ações e projetos nos ecomuseus, o que seria uma incoerência de acordo com o conceito de Ecomuseologia e de Ecomuseu. Nesse sentido, a Museologia, em especial no Brasil, necessita discutir e aprofundar as propostas da museologia social, a fim de sanar problemas de interpretação conceitual.

Em relação ao terceiro objetivo específico - Verificar, a partir dos objetos museais, se a Representação da Informação auxilia a relação entre a instituição analisada e seus usuários – foi constatado que os objetos, como documentos, podem ser analisados sob dois (2) pontos, sendo no contexto de representação de um passado e curiosidade.

No Ecomuseu do Ribeirão da Ilha a partir da segunda parte da visita é percebida a distinção de públicos que o ecomuseu recebe, onde para os adultos muitas vezes os objetos são uma lembrança da casa de infância, de algum familiar; e para as crianças e jovens uma novidade em saber como se vivia antigamente, sem toda a tecnologia que se tem atualmente. É levada em consideração a referência a outras instituições museológicas, onde muitos dizem já terem visto alguns objetos em outros museus de temática semelhante.

Deve ser considerada aqui como acesso a informação não apenas os objetos expostos, mas o conceito e/ou discurso que a instituição dá para isto. Não existe a exposição apenas pelo critério de expor, mas sim a exposição dentro de um contexto, dentro de uma narrativa, a fim de informar o público sobre o tema do qual estão tratando.

No caso do EDAF essa narrativa se relaciona com a modificação do território pela atividade humana, mostrando desde os indígenas, do colonizador europeu, até a aquisição da casa de campo pelo Dr. Agobar Fagundes, além da relação da instituição com a natureza. Já no caso do Ecomuseu do Ribeirão da Ilha, o discurso museológico se volta à colonização da ilha de Santa Catarina pelos açorianos, enfatizando principalmente a freguesia do Ribeirão da Ilha, os modos de viver e de subsistência dos colonos nos séculos XVIII e XIX.

De forma prática, na exposição do EDAF o processo de informação se refere à construção de um tipo de memória, criando um cenário do passado e do presente relacionado com a natureza. Da mesma forma, o Ecomuseu do Ribeirão da Ilha objetiva um tipo de reavivamento de um passado comum: açoriano, colonizador, branco, trabalhador (rural e urbano).

Dessa forma, pode-se afirmar que mesmo sem um processo técnico e específico que vise representar a informação dos objetos, a RI acontece por meio da própria exposição e do contexto em que os itens estão expostos e dispostos. Isso se confirma quando é perguntado a alguns visitantes quais ações os fizeram obter mais informações, tendo como resposta a exposição e a forma como os objetos estão expostos. Ou seja, a RI aqui está na forma como os objetos estão em interação com o seu meio e o seu contexto.

Os resultados obtidos por meio dos objetivos específicos fazem referência ao objetivo geral - Verificar como ocorre a Representação da Informação no Ecomuseu Dr. Agobar Fagundes e no Ecomuseu do Ribeirão da Ilha – em que foi visto que a RI nessas instituições ocorrem por meio da documentação museológica, que possui características de descrever as informações dos objetos por meio de um sistema instituído pelo museu; pela exposição dos objetos nas instituições, onde o meio de descrição dos objetos acontece pelos textos, etiquetas e outros suportes; e pela mediação onde o objeto é contextualizado dentro de um discurso, para que a informação seja acessada e usada pelo público.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o desenvolvimento deste trabalho foram destacados pontos importantes da relação entre a CI e a Museologia, principalmente nos aspectos da RI nas instituições museológicas, tomando como escopo de pesquisa os Ecomuseus.

Assim, considera-se que o objetivo geral foi atingido, pois foi constatado que as instituições pesquisadas possuem RI, sendo estas a documentação museológica, a mediação e a exposição. Diferentemente de outras instituições que também trabalham com documentos, como o arquivo e a biblioteca, o museu possui um caso específico de RI, pois os objetos como documentos possuem sua carga informacional se contextualizadas dentro de um discurso/narrativa. A RI está vinculada com o acesso à informação pelo público das instituições museológicas.

Para que possam ser possíveis trabalhos futuros sobre o tema, é necessário que haja uma maior aproximação da Museologia com a área da CI, destacando principalmente as formas de organização da informação e do conhecimento nas instituições museológicas.

Em relação aos objetivos específicos, o primeiro pretendeu fazer uma revisão bibliográfica que auxiliasse a entender como a RI está vinculada ao desenvolvimento das instituições museológicas, além de mostrar brevemente como os museus se constituíram em unidades de informação e que devem se preocupar também com a forma de preservação, organização, disseminação, acesso e uso das informações de seus acervos. Por isso no Apêndice 1, está um quadro com todas as referências que poderiam contribuir na construção deste trabalho, e que podem ajudar no desenvolvimento teórico de pesquisas futuras.

Dentro do segundo e terceiro objetivo específico, as metodologias adotadas foram satisfatórias em função de ter maior contato com o objeto de estudo. Por isso, ao ser verificado que a RI acontece pela documentação museológica, pela mediação e também pela exposição, abre novas possibilidades de entender o objeto museal como documento, além de possibilitar novas pesquisas em que a exposição possa ser, não apenas um meio de comunicação entre público e objeto, mas também uma forma de RI.

Aliás, pode se considerar a existência de outras formas de RI nas diferentes tipologias de museus, o que para este momento não foi possível verificar, pois as três formas encontradas de RI foram a documentação museológica, a mediação e a exposição. Isso abre

possibilidades para novas pesquisas referentes ao tema, possibilitando a contribuição de crescimento tanto na CI, quanto na Museologia.

Por isso foi pensado em alguns pontos para que novos trabalhos sejam desenvolvidos, sendo:

- Trabalhos que tenham como tema central os processos informacionais nas instituições museológicas, para que contribuam com o desenvolvimento da CI e da Museologia;
- O Museu, além de se preocupar com a preservação e comunicação do patrimônio cultural, precisa desenvolver formas de organizar, recuperar, disseminar, dar acesso e uso a informação de seus acervos;
- Devem ser estudadas mais formas de RI nas instituições museológicas, para que este processo possa ser aprofundado e melhor contribuir para a comunicação e acesso à informação pelo público do museu.

As ideias sobre a constituição de documento nos museus, por meio da teoria de Otlet, sustenta o Museu, nas suas mais variadas tipologias, como uma unidade de informação e que, por isso, precisa estreitar laços com a CI.

Entende-se que a RI seja uma interface crucial para o diálogo interdisciplinar entre CI e Museologia, confirmando a tese de Araújo (2014a), mesmo tendo consciência de que no museu a RI ocorra de forma diferente. Embora as funções e objetivos do museu ultrapassem a questão da documentação, a museologia carece de uma metodologia que possa servir de ponto de partida para a representação das informações contidas nos objetos museais e na relação com seu público.

Embora haja na CI e na Museologia uma bibliografia ampla sobre suas características próprias enquanto áreas de conhecimento, seus métodos e práticas, é necessário que ambas, em constante reciprocidade, desenvolvam mais pesquisas e trabalhos tendo como foco a Representação e Organização da Informação e/ou conhecimento. É necessário ampliar a discussão sobre a forma como as instituições museológicas, em suas variadas tipologias, realizam os procedimentos com os aspectos informacionais do seu acervo. Entende-se que, uma vez dialógicos, estes processos podem agregar experiências já desenvolvidos pela CI para representarem e organizarem a informação produzida pelos seus acervos, da mesma forma que Museologia poderá auxiliar a CI melhorar seus mecanismos de OI e RI.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. 3.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

_____. **O que documenta a fonte oral?** Possibilidades para além da construção do passado. Rio de Janeiro: CPDOC, 1996. 8f. Disponível em: <
<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/6767?show=full>>
 Acesso em 14 na. 2018.

ALVARES, L.; ARAÚJO JÚNIOR, R. H. Marcos históricos da ciência da informação: breve cronologia dos pioneiros, das obras clássicas e dos eventos fundamentais. **Transinformação**, Campinas, v. 22, n. 3, p.195-205, set-dez. 2010. Disponível em:
 <<http://www.scielo.br/pdf/tinf/v22n3/a01v22n3.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2017.

AMADO, J. A culpa nossa de cada dia: ética e história oral. **Revista Projeto História**, São Paulo, n.15, p.145-155, 1997. Disponível em: <
<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11225/8232>>.
 Acesso em 10 dez. 2017.

ARAÚJO, C. A. Á. **Arquivologia, biblioteconomia, museologia e ciência da informação: o diálogo possível**. Brasília: Briquet de Lemos, 2014a.

_____. **O que é Ciência da Informação? Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 1, p.01-30, 1 dez. 2014b. Disponível em:
 <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/15958/14205>>. Acesso em: 17 out. 2017.

ARMOND, M. A. **Inventário Participativo para o Monumento Natural do Estado Vargem da Pedra**. 2012. Disponível em:
 <<http://ecomuseumocambeiro.blogspot.com.br/2012/11/oficina-de-animacao-vargem-da-pedra.html>>. Acesso em: 26 out. 2016.

AZORES. **Bandeira dos Açores**. 1979. 1 imagem digital. Disponível em:

<https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Flag_of_the_Azores.svg>. Acesso em: 19 jan. 2018.

BARROS, C. M.; CAFÉ, L. M. A.; SILVA, E. L. Mediação do conhecimento para o acesso à informação: reflexão baseada em uma perspectiva sociológica da ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 40, n. 3, p.468-477, set/dez. 2011. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1302>>. Acesso em: 14 jan. 2018.

BRASCHER, M.; CAFE, L. Organização da informação ou organização do conhecimento?. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. **Anais..** Brasília: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2008. Disponível em: <http://enancib2013.ufsc.br/index.php/enancib2013/XIVenancib/paper/view/155/147> Acesso em: 10 jun. 2016.

BRIET, Suzanne. **What is Documentation?** Tradução Ronald E. Day e Laurent Martinet. Tradução de: Qu'est-ce que la documentation? 1951. Disponível em: <[http://ella.slis.indiana.edu/~roday/what is documentation.pdf](http://ella.slis.indiana.edu/~roday/what%20is%20documentation.pdf)>. Acesso em: 26 out. 2016

BRULON, B. A INVENÇÃO DO ECOMUSEU: O Caso do Écomusée Du Creusot Montceau-Les-Mines e a Prática da Museologia Experimental. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p.267-295, ago. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132015000200267> Acesso em: 23 out. 2017.

_____. Re-interpretando os objetos de museu: da classificação ao devir. **Transinformação**, Campinas, v. 28, n. 1, p.107-114, abr. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tinf/v28n1/0103-3786-tinf-28-01-00107.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2017.

BUCKLAND, Michael. "Information as thing". **Journal of the American Society of Information Science**, v.48, n.9, p.351-360, 1991. Disponível em

<http://people.ischool.berkeley.edu/~buckland/thing.html>> Acesso em: 27 jun. 2016

BURKE, P. **Uma História Social do Conhecimento**: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CAPURRO, R. Epistemologia e ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais..** Belo Horizonte: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2003. Disponível em: <http://www.capurro.de/enancib_p.htm> Acesso em: 12 dez. 2017

CASTRO, A. L. S. Informação museológica: uma proposição teórica a partir da Ciência da Informação. In: Lena Vania Ribeiro Pinheiro. (Org.). **Ciência da Informação, Ciências Sociais e Interdisciplinaridade**. Brasília; Rio de Janeiro: IBICT, 1999, p. 13-32.

CERAVOLO, S. M.; TÁLAMO, M. F. Os Museus e a Representação do Conhecimento: uma retrospectiva sobre a documentação em museus e o processamento da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. **Anais..** Salvador: Associação Nacional de pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação, 2007. Disponível em: <<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/viiienancib/paper/viewFile/2831/1959>>. Acesso em: 26 out. 2017.

CHAGAS, M. S. Memória e poder: contribuição para a teoria e a prática dos ecomuseus. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE ECOMUSEUS, 2., 2000, Rio de Janeiro. **Anais..** Rio de Janeiro: Núcleo de Orientação e pesquisa Histórica (NOPH), 2000. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/275598704/Memoria-e-poder-contribuicao-para-a-teoria-e-a-pratica-nos-ecomuseus>> Acesso em 22 jan. 2018.

CRUZ NETO, O. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. Cap. 3. p. 51-66. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2018.

CUNHA, M. B. **Exposições Museológicas como estratégias de comunicação.** Seminário: Exposições Museológicas como estratégias de comunicação, Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, 2005, 23p.

CUNHA, M. B. **Para saber mais:** fontes de informação em ciência e tecnologia. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2001. 168 p.

CURY, M. X. **Exposição: concepção, montagem e avaliação.** São Paulo: Annablume, 2006.

DAVIS, P. Ecomuseums and the representation of place. **Rivista Geografica Italiana**, Florença, v. 116, n. 4, p.483-503, 2009.

Disponível em:

<http://eprint.ncl.ac.uk/file_store/production/34586/860179E7-64AA-460B-BF7A-28CA8E65D7AD.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2018.

ECOMUSEU DO RIBEIRÃO DA ILHA. **Casa em estilo açoriano.** 2011a. 1 imagem digital. Disponível em: <<https://ecomuseuribeirao.wordpress.com/>>. Acesso em: 19 jan. 2018.

_____. **Engenho de farinha de mandioca.** 2011c. 1 imagem digital. Disponível em: <<https://ecomuseuribeirao.wordpress.com/>>. Acesso em: 19 jan. 2018.

_____. **Exposição de longa duração: Gramofone.** 2011b. 1 imagem digital. Disponível em: <<https://ecomuseuribeirao.wordpress.com/>>. Acesso em: 19 jan. 2018.

_____. **Montagem a partir dos principais espaços do Ecomuseu do Ribeirão da Ilha.** s.d. 1 imagem digital. Disponível em: <<https://ecomuseuribeirao.wordpress.com/>>. Acesso em: 19 jan. 2018.

FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Orgs.). **Usos & abusos da história oral.** 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

FERREZ, H. D. Documentação museológica: teoria para uma boa prática. **Cadernos de ensaios**, n. 2., p. 64- 67, 1994.

FOGL, J. Relations of the concepts 'information' and 'knowledge'. **International Fórum on Information and Documentation**, The Hague, v.4, n.1, p. 21-24, 1979.

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967. 149 p. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/livro_freire_educacao_pratica_liberdade.pdf>. Acesso em: 18 out. 2017.

GUARNIERI, W. R. Conceito de cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação. In: **Cadernos Museológicos**. IBPC, Rio de Janeiro, n. 3, p. 13-30, 1990.

HERMES LEMOS, L. H. **Exemplo de texto na exposição 'Passarinhando'**. 2018a. 1 fotografia digital, color., 9 megapixels.

_____. **Exemplo de etiqueta explicativa**. 2018b. 1 fotografia digital, color., 3 megapixels.

_____. **Objeto exposto com etiqueta explicativa**. 2018c. 1 fotografia digital, color., 9 megapixels.

JULIÃO, L. Apontamentos sobre a história do museu. **Caderno de diretrizes museológicas**. 2. ed. Brasília: Ministério da Cultura/ IPHAN/ Demu; Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus, 2006. p. 17-30. Disponível em: <http://www.cultura.mg.gov.br/files/Caderno_Diretrizes_I%20Completo.pdf> Acesso em: 05 dez. 2017.

KARPINSKI C. Informação, memória e patrimônio natural. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 17., 2016, Salvador. **Anais..** Brasília: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação, 2016. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/enancib2016/enancib2016/paper/viewFile/3658/2378>> Acesso em: 14 jan. 2018.

_____; MONTYSUMA, M.F.F. **Memória e História Oral**. Indaial: Asselvi, 2009.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 2007.

LE COADIC, Y. **A Ciência da Informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

LIMA, D. F. C. Museologia-Museu e Patrimônio, Patrimonialização e Musealização: ambiência de comunhão. **Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, v. 7, n. 1, p.31-50, jan-abr 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-81222012000100004>. Acesso em: 23 out. 2017.

LOUREIRO, M. L. N. M.; LOUREIRO, J. M. M. **Documento e musealização: entretecendo conceitos**. Midas, Online, p.1-11, abr. 2013. Disponível em: <<https://midas.revues.org/78>>. Acesso em: 30 jun. 2017.

LUZ, S. R. **Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão da Ilha e sua população: 1810-1930**. 1994. 218 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em História, Departamento de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999. Disponível em: <<http://tede.ufsc.br/teses/PHST0076-D.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2018.

MENEZES, E. M. **Pesquisa Bibliográfica**. 22. ed. Florianópolis: CIN/CED/UFSC, 2009.

MENSCH, P. Museology and the object as data carrier. In: **Object, museum, Museology, an eternal triangle**. Leiden: Reinwardt Academy. Reinwardt Cahiers, 1992. Disponível em: <<http://www.muuseum.ee/uploads/files/mensch12.htm>> Acesso em: 24 out. 2017.

NASCIMENTO, R. A. D. **A Historicidade do Objeto Museal**. 01. ed. Lisboa: Centro de Estudos de Socio Museologia, 1994. v. 01

OTLET, Paul. **Traité de Documentation: Le livre sur le livre**. Bruxelles: Mundaneum, 1934.

PESSOA, F. S. **Reflexões sobre Ecomuseologia**. 757. ed. Porto: Afrontamento, 2001.

PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre ética e história oral. **Revista Projeto História**, São Paulo, n.15, p.13-49, 1997. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11215/8223>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

POULOT, D. **Museu e museologia**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

POZZI, P.A. La etica, la historia oral y sus consecuencias. **Revista de História Oral**, Rio de Janeiro, v.17, n.2, p.42-27, 2014. Disponível em: <<http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=issue&p=view&path%5B%5D=34>>. Acesso em 10 dez 2017.

QUEROL, L. S. Para uma gramática museológica do (re)conhecimento: ideias e conceitos em torno do inventário participado. **Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Porto, v. 25, n. 0, p.165-188, jan. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0872-34192013000100009>. Acesso em: 23 out. 2017.

RIVIÈRE, G. H. Definición evolutiva del ecomuseo. **Museum**, Paris, v. 37, n. 148, p.182-183, 1985. Trimestral. Disponível em: <<unesdoc.unesco.org/images/0012/001273/127347So.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2018.

ROCHA, A.L. C.; ECKERT, C. Etnografia: saberes e práticas. **Iluminuras**, local, v.9, n.21, 2008. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/9301/5371>>. Acesso em 24 out. 2016.

SCHEINER, Tereza Cristina. Repensando o museu integral: do conceito às práticas. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. hum.**, Belém, v. 7, n. 1, p. 15-30, Abr. 2012. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-81222012000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso oem 12 Dez. 2017.

SEMEDO, A. Práticas narrativas na profissão museológica: estratégias de exposição de competência e posicionamento da diferença. In: SEMEDO, Alice; LOPES, João Teixeira. **Museus, Discursos e Representações**. Porto: Edições Afrontamento, 2006. p. 69-93.

Disponível em:

<https://www.academia.edu/2412712/_2006_Práticas_narrativas_na_profissão_museológica_estratégias_de_exposição_de_competência_e_posicionamento_da_diferença_in_Semedo_e_Lopes_Coord.._Museus_Discursos_e_Representações_Ed_Afrontamento_pags.69-93_Narrative_practices_in_the_museological_profession>. Acesso em: 17 out. 2017

SIQUEIRA, J. C. Biblioteconomia, documentação e ciência da informação: história, sociedade, tecnologia e pósmodernidade.

Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v. 15, n. 3, p.52-66, set. 2010. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/pci/v15n3/04.pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2017.

SUANO, M. O que é Museu. São Paulo: Brasiliense, 1986. Disponível em: <<https://historiadoresfcac.files.wordpress.com/2013/10/suano-marlene-o-que-c3a9-museu.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2017.

TRÍSCELE. Entrada do espaço expositivo. 2017a. 1 imagem digital. Disponível em: < <https://www.triscele.com.br/galeria/ecomuseu-dr-agobar-fagundes> >. Acesso em: 19 jan. 2018.

_____. **Memorial Agobar Fagundes.** 2017c. 1 imagem digital. Disponível em: < <https://www.triscele.com.br/galeria/ecomuseu-dr-agobar-fagundes> >. Acesso em: 19 jan. 2018.

_____. **Módulo expositivo: Cozinha.** 2017b. 1 imagem digital. Disponível em: < <https://www.triscele.com.br/galeria/ecomuseu-dr-agobar-fagundes> >. Acesso em: 19 jan. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC/NEA. Mapeamento cultural. Florianópolis, s.d. Disponível em: <<http://nea.ufsc.br/mapeamento-cultural/>>._Acesso em: 10 dez. 2017.

UNESCO. Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural. 2002. Disponível em: < <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>> Acesso em: 24 out. 2017.

VARINE, H. El ecomuseo, más allá de la palabra. **Museum**, Paris, v. 37, n. 148, p.185, 1985. Trimestral. Disponível em: <unesdoc.unesco.org/images/0012/001273/127347So.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2018.

_____. L'écomusée. **La Gazette: Association canadienne des musées**, Lyon, v. 11, n. 2, p.29-40, 1978.

YASSUDA, Sílvia Nathaly. **Documentação Museológica**: uma reflexão sobre o tratamento descritivo do objeto no Museu Paulista. 2009. 123 f. Dissertação (Mestrado)— Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/yassuda_sn_me_mar.pdf>. Acesso em: 16 out. 2017.

APÊNDICE

Apêndice 1 – Quadro de artigos recuperados para pesquisa bibliográfica por ordem alfabética de autores

| Autor | Título | Ano | Base |
|---|---|------------|----------------|
| ARAÚJO, C.A.A. | O que é Ciência da Informação | 2014 | LISA |
| ARAÚJO, C.A.A. | Fundamentos da Ciência da Informação: Correntes Teóricas e o Conceito de Informação | 2014 | LISA |
| ARAÚJO, C.A.A.; CALDEIRA, P. T; NASSIF, M. E. | O curso de graduação em Museologia da ECI/UFMG: concepção e projeto pedagógico | 2010 | SCIELO |
| ARBOIT, A. E; BUFREM, L. S; KOBASHI, N. Y. | A institucionalização da Ciência da Informação no Brasil sob a ótica da evolução quantitativa dos curso de graduação na área | 2011 | LISA |
| ASSUMPCÃO, F; SANTOS, P.L.V.A.C. | Representação no domínio bibliográfico: um olhar sobre os Formatos MARC 21 | 2015 | SCIELO |
| BARROS, C.M; CAFÉ, L.M.A; SILVA, E.L. | Mediação do conhecimento para o acesso à informação: reflexão baseada em uma perspectiva sociológica da ciência da informação | 2011 | LISA |
| BEYNON-DAVIES, P. | Neolithic informatics: The nature of information | 2008 | SCIENCE DIRECT |
| BOWDEN, A; CIESIELSKA, M. | Ecomuseums as cross-sector partnerships: governance, strategy and leadership | 2016 | SCOPUS |
| BRULON, B. | Re-interpretando os objetos de museu: da classificação ao devir | 2016 | WEB OF SCIENCE |
| BRULON, B. | A invenção do ecomuseu: o caso do Écomusée du Creusot Montceau-Les-Mines e a prática da museologia experimental | 2015 | SCIELO |
| CANDIDO, G.G; LIMA, L.M; MORAES, J.B.E. | Aspectos teóricos da análise da estrutura narrativa e a sua contribuição para a organização da informação | 2013 | EBSCO |
| CASTRO, F.; SANTOS, P.L.V.A.C. | Uso das tecnologias na representação descritiva: o padrão de descrição bibliográfica semântica MarcOnt Initiative nos ambientes informacionais digitais | 2009 | LISA |

| | | | |
|--|--|------|-----------------|
| CATOIRA, T; AZEVEDO NETTO, C.X. | The importance of a differentiated representation of information for Contemporary Art: Use of fruition as a classification attribute | 2016 | SCIELO |
| CAVATI SOBRINHO, H; MORAES, J.B.E; FUJITA, M.S.L. | A Linguagem, o Texto e o Documento no contexto da Ciência da Informação | 2012 | LISA |
| CHU, H. | Research methods in library and information science: A content analysis | 2015 | SCIENCE DIRECT |
| CHU, H. | Information representation and retrieval in the digital age | 2010 | EBSCO |
| CHU, H; KE, Q. | Research methods: What's in the name? | 2016 | SCIENCE DIRECT |
| CURY, M. X. | Museu em conexões: reflexões sobre uma proposta de exposição | 2015 | EBSCO |
| DANTE, G.P. | La gestión de información y sus modelos representativos. Valoraciones | 2011 | EBSCO |
| DARÁNYI, S; WITTEK, P; DOBREVA, M. | Using wavelet analysis for text categorization in digital libraries: a first experiment with Strathprints | 2012 | EBSCO |
| DESVALLÉES, A. | Muséologie comme champ disciplinaire: trajectoires | 2013 | EBSCO |
| DOGAN, M. | Ecomuseum, community museology, local distinctiveness, Hüsametindere village, Bogatepe village, Turkey | 2015 | EMERALD INSIGHT |
| DOTTA ORTEGA, C. | Categorias configuradoras da Ciência da Informação: seleção, exploração e sistematização | 2010 | LISA |
| ESTEVÃO, J.S.B; STRAUHS, F. R. | Proposta de uma ontologia como modelo de referência no domínio da Memória Organizacional Histórica | 2013 | SCIELO |
| FRIEDMAN, A; THELLEFSEN, M. | Concept theory and semiotics in knowledge organization | 2011 | EMERALD INSIGHT |
| GIANNAKOPOU LOS, G.A. | Archival studies in Greece and the emerging field of integrated information | 2014 | EMERALD INSIGHT |

| | | | |
|-----------------------------------|--|------|----------------|
| GOUVEIA JÚNIOR, M; SANTOS, R.N.M. | Mudança de paradigma e sua ruptura: um estudo de caso na Museologia e a pluralidade paradigmática da Ciência da Informação | 2012 | WEB OF SCIENCE |
| GURIAN, E. H. | Museum as Soup Kitchen | 2010 | EBSCO |
| KANIARI, A. | Curatorial Style and Art Historical Thinking: Exhibitions as Objects os Knowledge | 2014 | SCIENCE DIRECT |
| KATRE, D. | Digital preservation: Converging and diverging factors of libraries, archives and museums - an Indian perspective | 2011 | EBSCO |
| KIMEEV, V.M. | Ecomuseums in Siberia as centers for ethnic and cultural heritage preservation in the natural environment | 2008 | SCOPUS |
| KOUTRAS, N; BOTTIS, M. | Institutional Repositories os Open Access: A paradigm of innovation and changing in educational politics | 2013 | SCIENCE DIRECT |
| KSABOV, N; CAPECCI, E. | Spiking neural network methodology for modelling, classification and understanding of EEG spatio-temporal data measuring cognitive processes | 2014 | SCIENCE DIRECT |
| LA BARRE, K.A; TILLEY, C.L. | The Elusive Tale: Leveraging the Study of Information Seeking and Knowledge Organization to Improve Access to and Discovery of Folktales | 2012 | EBSCO |
| LEE, J; BOLING, E. | Information-Conveying Approaches and Cognitive Styles of Mental Modeling in a Hypermedia-Based Learning Environment | 2008 | EBSCO |
| LIMA, D.F.C. | Museologia-Museu e Patrimônio, Patrimonialização e Musealização: ambiência de comunhão | 2012 | SCIELO |
| LIU, J; LEE, Y. | A Method for Development of Ecomuseums in Taiwan | 2015 | WEB OF SCIENCE |
| MA, X; WANG, G; YU, H; LI, T. | Decision region distribution preservation reduction in | 2014 | SCIENCE DIRECT |

| | | | |
|--|--|------|----------------|
| | decision-theoretic rough set model | | |
| MAIMONE, G.B; TÁLAMO, M.F.M. | Metodologias de representação da informação imagética | 2009 | WEB OF SCIENCE |
| MARCHIORI, P. Z; APPEL, A.L; BETTONI, E. M; TSUNODA, D.F; ALCÂNTARA, F.C. | Elements of social representation theory in collaborative tagging systems | 2014 | WEB OF SCIENCE |
| MARCOVITCH, . | Os museus no futuro do Brasil | 2016 | SCOPUS |
| MASCHERONI, S; MICOLI, A. | Ecomuseo Urbano Metropolitano Milano Nord: towards a cultural biography of collective landscape | 2012 | EBSCO |
| MEIRELES, M.R.G; ALMEIDA, P.E.M; SILVA, A.C.M.R. | Recuperação de informação no ambiente acadêmico: georreferenciamento dos dados dos estudantes do instituto de educação continuada da PUC Minas | 2009 | SCIELO |
| MELLO, J.C; LUZ, F.C.L; MONTIJANO M. M. C. L; ANDRADE, A. M. F. | A Museologia na WEB: sistema da informação sobre patrimônio na era digital | 2015 | SCIELO |
| MORAES, J.B.E; LIMA, L.M; CAPRIOLI, M.S. | Análise do discurso e ciência da Informação: aportes teóricos para organização e representação da Informação | 2016 | EBSCO |
| MOREIRA, J.R; FILHO, J.L.V; MUELLER, S.P.M. | Características e produção científica dos grupos de pesquisa do CNPq/DGP nas áreas de Ciência da Informação e Museologia (1992 – 2012) | 2015 | SCIELO |
| MOURA, M.A. | INFORMAÇÃO, FERRAMENTAS ONTOLÓGICAS E REDES SOCIAIS AD HOC: a interoperabilidade na construção de tesouros e ontologias | 2009 | LISA |
| NOGUEIRA, R. D. S; ARAÚJO, | Conexões entre arquivo, biblioteca e museu: similaridade | 2016 | LISA |

| | | | |
|---|--|------|--------|
| C.A.A. | das atividades profissionais | | |
| NYERGES, T; RODERICK, M; PRAGER, S; BENNETT, D; LAM, N. | Foundations of sustainability information representation theory: spatial-temporal dynamics of sustainable systems | 2014 | SCOPUS |
| OLVERA, C.V. | La participación infantil como motor del origen y desarrollo de los museos escolares | 2008 | EBSCO |
| PEDROSA, A.S. | Os ecomuseus como elementos estruturantes de espaços culturais e dinamizadores de estratégias de turismo local | 2014 | SCIELO |
| PÉREZ RUIZ, M.L. | La museología participativa: ¿tercera vertiente de la museología mexicana? | 2008 | SCIELO |
| PÉREZ, J. C. L. | El museo, la museología y la fuente de información museística | 2008 | SCIELO |
| PERUCCHI, V; ARAÚJO JÚNIOR, R. H. | Produção científica sobre inteligência competitiva da faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília | 2012 | SCIELO |
| PINTO, M. | Cyberabstracts: a portal on the subject of abstracting designed to improve information literacy skills | 2008 | SCOPUS |
| QUEROL, L.S. | Para uma gramática museológica do (re)conhecimento: ideias e conceitos em torno do inventário participado | 2013 | SCIELO |
| RANGEL, M.F. | Museologia e patrimônio: encontros e desencontros | 2012 | SCIELO |
| RANGEL, M.F. | A museologia no mundo contemporâneo | 2015 | SCOPUS |
| RIGGS, C. | The body in the box: archiving the Egyptian mummy | 2016 | EBSCO |
| RIVA, R. | Ecomuseums and tourism | 2012 | EBSCO |
| SANTOS, P.A. | Museu da Maré: A Museum Full of Soul | 2012 | EBSCO |
| SCHEINER, T. C. | Repensando o Museu Integral: do conceito as práticas | 2012 | SCIELO |
| SCHEINER, T. C. | El mundo en las manos: museos y museología en la sociedad | 2008 | SCIELO |

| | | | |
|--|---|------|----------------|
| | globalizada | | |
| SCHEINER, T. C. | Museu, museologia e a 'relação específica': considerações sobre os fundamentos teóricos do campo museal | 2015 | SCOPUS |
| SCHIESSL, M. BRASCHER, M. | Ontology lexicalization: Relationship between content and meaning in the context of Information Retrieval | 2017 | SCIELO |
| SILVA, A. M. | Arquivo, biblioteca, museu, sistema da informação: em busca da clarificação possível | 2015 | EBSCO |
| SILVA, L.E.F; OLIVEIRA, B.J.F. | MNEMOSYNE INFOR-COMUNICATIVA: a possibilidade axiomática de construção de um conceito de memória para a Ciência da Informação | 2014 | LISA |
| SILVA, T. V. G; NETTO, C. X. A. | Práticas informacionais expositivas: um estudo sobre o museu casa de José Américo | 2013 | LISA |
| SNYDER, J. | Visual Representation of Information as Communicative Practice | 2014 | SCOPUS |
| SOUZA, F. C. | DOCÊNCIA E ÉTICA NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL | 2013 | LISA |
| STERN, T; KUMAR, N. | Improving Privacy Settings Control in Online Social Networks With a Wheel Interface | 2014 | EBSCO |
| STVILIA, B; JÖRGENSEN, C. | User-generated collection-level metadata in an online photo-sharing system | 2008 | SCIENCE DIRECT |
| TEJEDA-LORENTE, A; PORCEL, C; PEIS, E; SANZ, R; HERREA-VIEDMA, E. | A quality based recommender system to disseminate information in a university digital library | 2013 | SCIENCE DIRECT |
| THIESSEN, I; PATRASSO, A.L.A. | INFORMAÇÃO, REPRESENTAÇÃO E PRODUÇÃO DE SABERES SOBRE O CRIME: o Gabinete de Identificação e de Estatística | 2012 | LISA |

| do Rio de Janeiro (1903-1907) | | | | |
|--|--|------|-----------------|-------|
| VASCONCELLO S, C. M. | Patrimonio, memoria y educación: una visión museológica | 2013 | EBSCO | |
| VIDAL, L. | Kuahí: The Indians of the Lower Oiapoque and their museum | 2013 | SCIELO | |
| VITAL, L.P; CAFÉ, L. | Proposta para o desenvolvimento de taxonomias em portais corporativos | 2011 | SCIELO | |
| WIESSENBERG ER, L. | Toward a universal, meta-theoretical framework for music information classification and retrieval | 2015 | EMERALD INSIGHT | |
| WU, C; KAO, S; OKUHARA, K. | Examination and comparison of conflicting data in granulated datasets: Equal width interval vs. equal frequency interval | 2013 | SCIENCE DIRECT | |
| ZHANG, Y; LI, T; Luo, C; ZHANG, J; CHEN, H. | Incremental updating of rough approximations in interval-valued information systems under attribute generalization | 2016 | SCIENCE DIRECT | |
| Fonte: | Elaborado | pele | autor, | 2018. |